

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS - PPGML**

**Josimar Maciel Cordeiro**

**DESCENDO NAS ÁGUAS DO RIO MADEIRA:  
UM ESTUDO SOBRE OS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS CAIARIENSES  
E O USO DOS PRONOMES TU/VOCÊ EM SUA FALA**

**Porto Velho – RO  
2023**

**JOSIMAR MACIEL CORDEIRO**

**DESCENDO NAS ÁGUAS DO RIO MADEIRA:  
UM ESTUDO SOBRE OS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS CAIARIENSES  
E O USO DOS PRONOMES TU/VOCÊ EM SUA FALA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Linha de pesquisa:** Estudos descritivos e aplicados de línguas e linguagens.

**Orientador:** Prof. Dr. Quesler Fagundes Camargos.

**Porto Velho – RO  
2023**

Catálogo da Publicação na Fonte  
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

---

C794d Cordeiro, Josimar Maciel.

Descendo nas águas do Rio Madeira: um estudo sobre os ribeirinhos amazônicos caiarienses e o uso dos pronomes tu/você em sua fala / Josimar Maciel Cordeiro. - Porto Velho, 2023.

96 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Quesler Fagundes Camargos.

Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Variação linguística. 2. Português ribeirinho. 3. Comportamento sintático. 4. Leitura arbitrária. I. Camargos, Quesler Fagundes. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 808.5(043.3)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

**JOSIMAR MACIEL CORDEIRO**

**DESCENDO NAS ÁGUAS DO RIO MADEIRA: UM ESTUDO SOBRE OS RIBEIRINHOS  
AMAZÔNICOS CAIARIENSES E O USO DOS PRONOMES TU/VOCÊ EM SUA FALA**

Dissertação apresentada em 08 de dezembro de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Quesler Fagundes Camargos, Presidente da Banca e Orientador (UNIR);

Professor Dr. Élcio Aloisio Fragoso, Membro Interno (UNIR);

Professor Dr. Selmo Azevedo Apontes, Membro Interno ao Programa (UFAC);

Professora Dra. Ana Regina Vaz Calindro, Membro Externa (UFRJ).



Documento assinado eletronicamente por **QUESLER FAGUNDES CAMARGOS, Docente**, em 13/12/2023, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELCIO ALOISIO FRAGOSO, Docente**, em 13/12/2023, às 21:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Regina Vaz Calindro, Usuário Externo**, em 14/12/2023, às 12:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unir.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1569611** e o código CRC **66D206A2**.

## DEDICATÓRIA

Dedico todo este trabalho de mestrado à minha querida irmã Edilce Maciel Cordeiro (presente em minha memória). Tenho certeza que aí de cima você está muito contente por me ver realizar mais um sonho. Apesar de tê-la perdido durante o processo de escrita deste trabalho, sei que, de alguma forma, me deu forças para não desistir de tudo. Respondendo a sua última mensagem, digo: EU TAMBÉM TE AMO E VOU TE AMAR PARA SEMPRE.

À Edilce (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais esta etapa. Sem Ele, eu não teria iniciado, nem terminado esse processo. Deus me sustentou quando perdi minha amada e querida irmã.

À minha mãe, Maria, que além do incentivo que sempre me deu, me apoiou e investiu em mim em todo meu processo educacional. Obrigado, mãe, por sempre ter acreditado e me encorajado a continuar. Não tenho palavras para agradecer todos os seus ensinamentos, sem dúvidas, eu tenho a melhor mãe do mundo. Tenho orgulho de ser filho de uma ribeirinha caiariense, arrochada! Tudo, tudo, tudo é por você, mãe!

Ao meu pai, José, e meus irmãos, Josias, Ronaldo, Enelina, Edilce (*in memoriam*) e Zezinho, que sempre me incetivaram e me deram forças para continuar estudando. Tudo é por vocês!

Ao meu padastro Juraci (Juranda) por cuidar da minha mãe e, junto com ela, sempre ter acreditado em mim.

Ao meu avô Francisco Brito Maciel e minha avó Raimunda Alves de Almeida, por serem os anfitriões da família e por terem aceitado contar a história da comunidade Caiari.

Ao Pablo Diego por estar sempre ao meu lado, por compartilhar os melhores e piores momentos da vida, por sempre acreditar e valorizar os meus sonhos e planos. Obrigado por tudo!

À família Maciel por ter acreditado e colaborado com este trabalho.

À família Silva por também ser parte da minha família.

Ao meu orientador, professor Dr. Quesler Fagundes Camargos, que acreditou neste trabalho e não mediu esforços para que esta produção fosse a mais ribeirinha possível. Obrigado por seus textos, seus comentários nesta pesquisa e por sua dedicação em trabalhar com tanto afinco. Sua humildade é uma virtude que admiro e admirarei sempre!

Ao professor Dr. Douglas Ferreiras de Castro, à professora Dra. Elis Regina Fernandes Alves e à professora Dra. Viviane Braz Nogueira (minha eterna orientadora de PIBIC e TCC do curso de Letras), por terem me incentivado e mostrado caminhos para a elaboração de um projeto de pesquisa para seleção de mestrado em Letras.

Ao meu amigo Marcleidson (Cadal) pelos conselhos, conversas, por ter sido meu apoio nos momentos de tristezas e alegrias.

À minha amiga Mauricelina (marica) por sua amizade, conselhos e por sempre trazer alegria nos momentos de tristeza.

À minha amiga Maristelina (Maristela) por sempre ter sido um porto seguro para mim e minha família em um dos piores momentos das nossas vidas, gratidão!

Ao meu amigo Regenilson (Reck) por sua amizade e conselhos em todos os momentos.

À minha amiga Dani pela amizade e por ser minha confidente e sempre apoiar meus sonhos.

Aos meus colegas (em especial ao meu grupo G4) e professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, por todo o conhecimento compartilhado.

À professora Dra. Ana Regina Vaz Calindro (UFRJ) e ao professor Dr. Elcio Aloisio Fragoso (UNIR) pelas valiosíssimas contribuições na minha banca de qualificação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo financiamento da bolsa concedida.

Aos ribeirinhos caiarienses (meus familiares) por abrirem as portas de suas casas para me receber e por terem compartilhado suas memórias sobre suas vivências no Caiari, meu muito obrigado!

Enfim, a todos e todas que contribuíram de alguma forma para que este trabalho fosse realizado.

Muitíssimo obrigado!

*A língua é um sistema organizado – tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior de São Paulo e outro na capital do Rio Grande do Sul, se um tem 6 anos de idade e o outro 60, se um tem curso superior e o outro ensino fundamental. Em segundo lugar, podemos concluir que a **língua varia**, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade – além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua.*

**Coelho, 2021**

Eu te agradeço, Senhor!



## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar a realização dos pronomes de segunda pessoa *tu/você* que estão em variação no português falado na comunidade Caiari (Humaitá/AM). A fim de compreendermos o processo de alternância dessas variantes, pretende-se observar aspectos do comportamento sintático e semântico dessas formas pronominais, sobretudo aqueles relacionados à concordância verbal, à natureza da sentença (declarativa/interrogativa) e às leituras genéricas e específicas. Para a constituição do *corpus*, adotamos alguns pressupostos teóricos da variação e mudança linguística a partir dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (2008) e Meillet (1924). Para a composição da amostra, foram entrevistados 18 moradores da comunidade, considerando sua faixa etária (18 a 39 anos e 40 a 80 anos), seu sexo (masculino e feminino) e sua escolaridade (não escolarizado, Ensino Fundamental, Ensino Médio). Utilizamos o software *ELAN (Eudico Linguistic Annotator)* para transcrever todos os áudios gravados, a fim de proceder com a análise linguística. No que diz respeito à análise, consideramos sobretudo trabalhos sobre a variação *tu/você* desenvolvidos nas diversas regiões do Brasil, a saber: Sudeste (MODESTO, 2006), Centro-Oeste (DIAS, 2017), Nordeste (GUIMARÃES, 2014), Sul (FRANCESCHINI, 2011) e Norte (MARTINS, 2010; NOGUEIRA, 2021). A partir dos resultados, confirmamos nossa hipótese inicial de que, em termos semânticos, o pronome *você* é mais favorecido nos contextos de referencialidade genérica, ao passo que a forma *tu*, embora varie entre genérico e específico, favorece o último. Em relação à entonação, o uso do *tu* é favorecido nas sentenças interrogativas e o *você* nas exclamativas. Quanto ao comportamento sintático, mostramos que, pelo fato de *tu* ocorrer com o verbo na terceira pessoa, assumimos que essa comunidade apresenta o subsistema *você/tu* sem concordância tal como apresentado em Nogueira (2021).

## ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the use of second-person pronouns “*tu*” and “*você*”, which vary in spoken Portuguese from the Caiari community (Humaitá/AM). In order to understand the alternation process of these variants, we intend to observe aspects of the syntactic and semantic behavior of these pronominal forms, especially those related to verb agreement, type of sentence type (declarative/interrogative), and generic and specific interpretations. To build the corpus, we adopted some theoretical assumptions of linguistic variation and change based on the studies of Weinreich, Labov, and Herzog (1968), Labov (2008), and Meillet (1924). To constitute the sample, 18 community residents were interviewed, considering their age range (18 to 39 years old and 40 to 80 years old), gender (male and female), and education level (uneducated, initial elementary school, final elementary school and high school). We used the ELAN software (Eudico Linguistic Annotator) to transcribe all recorded audio for linguistic analysis. Regarding the analysis, we took into account previous research on “*tu/você*” variation in different regions of Brazil, as the Southeast (MODESTO, 2006), Midwest (DIAS, 2017), Northeast (GUIMARÃES, 2014), South (FRANCESCHINI, 2011), and North (MARTINS, 2010; NOGUEIRA, 2021). Based on the results, we confirmed our initial hypothesis that, semantically, the pronoun “*você*” is more favored in generic referential contexts, while the form “*tu*”, although it varies between generic and specific, favors the latter. Regarding intonation, the use of “*tu*” is favored in interrogative sentences, and “*você*” in exclamatory sentences. In terms of syntactic behavior, we demonstrated that because “*tu*” occurs with the verb in the third person, we assume that this community presents the “*você/tu*” subsystem without agreement as presented in Nogueira (2021).

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

ALiMA – Atlas Linguístico do Maranhão

AM – Amazonas

BDI – Banco de Dados Internacionais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

FAMAC – Fala Manauara Culta

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza

PEUL – Programa de Estudo sobre os Usos da Língua

SC – Santa Catarina

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SP – São Paulo

PEUL – Programa de Estudos sobre o uso da língua

RS – Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

VARBRUL – *Variable Rules Analysis*

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

<b>Tabela 1</b> - Tu/você em Tefé-AM.....	43
<b>Tabela 2</b> - Uso do tu pelo tipo de referência .....	44
<b>Tabela 3</b> - Ocorrências com o tu em todas as localidades .....	44
<b>Tabela 4</b> - Localidade x Concordância verbal.....	45
<b>Tabela 5</b> - Tipo de referência sobre o pronome tu.....	48
<b>Tabela 6</b> - Ocorrências das formas tu e você/ocê/cê na amostra geral .....	51
<b>Tabela 7</b> - Ocorrências das formas de tu e você, ocê, cê de acordo com o tipo de referência.....	51
<b>Tabela 8</b> - Ocorrências de tu de acordo com a concordância nas localidades.....	52
<b>Tabela 9</b> - Atuação da entonação sobre o pronome tu.....	53
<b>Tabela 10</b> - Atuação do tipo de referente sobre o pronome tu .....	54
<b>Tabela 11</b> - Totais de referência à segunda pessoa.....	55
<b>Tabela 12</b> - Tipo de referência tu e cê/você .....	55
<b>Tabela 13</b> - Variação você/ cê/ tu em Brasília.....	56
<b>Tabela 14</b> - Variação você/cê/tu em relação ao tipo de referência .....	56
<b>Tabela 15</b> - Variação você/cê/tu em relação à entonação.....	57
<b>Tabela 16</b> - Frequência, valores absolutos, das formas de tratamento em Santos.....	58
<b>Tabela 17</b> - Frequência e pesos relativos do uso de tu e você em função de referenciação .....	59
<b>Tabela 18</b> - Distribuição da amostra.....	60
<b>Tabela 19</b> - Frequência do contexto frasal na amostra .....	60
<b>Tabela 20</b> - A atuação do tipo de referência sobre o pronome tu (tu x você).....	61
<b>Tabela 21</b> - Alternância tu/você por localidade.....	62
<b>Tabela 22</b> - Concordância com o tu por localidade.....	63
<b>Tabela 23</b> - Uso das Variantes tu x você .....	64
<b>Tabela 24</b> - Distribuição dos dados conforme a variante de segunda pessoa tu/você .....	76
<b>Tabela 25</b> - Uso genérico das variantes tu/você .....	79
<b>Tabela 26</b> - Uso específico das variantes tu/você.....	80
<b>Tabela 27</b> - Variação tu/você em relação à entonação na amostra.....	81
<b>Quadro 1</b> - Pronomes pessoais.....	38
<b>Quadro 2</b> - Reestruturação do paradigma pronominal proposto por Coelho et al. (2021).....	38
<b>Quadro 3</b> - Paradigmas pronominais em uso em Coelho et al. (2021) .....	39
<b>Quadro 4</b> - Reestruturação do Paradigma verbal .....	40
<b>Quadro 5</b> - Estudos sobre a variação pronominal tu/você realizados no Brasil.....	42
<b>Quadro 6</b> - Distribuição dos informantes.....	71

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Barco recreio .....	21
<b>Figura 2</b> - Frente da comunidade ribeirinha Caiari na época de seca em 2022.....	22
<b>Figura 3</b> - Motor bomba .....	23
<b>Figura 4</b> - Prancha para lavar roupas.....	23
<b>Figura 5</b> - Pescador Juraci .....	24
<b>Figura 6</b> - Lago do Igarapé.....	24
<b>Figura 7</b> - Ribeirinho dirigindo motor de rabeta .....	25
<b>Figura 8</b> - Plantação de mandioca e macaxeira na comunidade Caiari .....	25
<b>Figura 9</b> - Caminho até o motor de luz.....	26
<b>Figura 10</b> - Motor de luz .....	26
<b>Figura 11</b> - Escola Municipal Fluvial Osmarina Melo de Oliveira (balsa escola) .....	28
<b>Figura 12</b> - Ribeirinhos caiarienses retornando para a comunidade após dia de aula. ....	29
<b>Figura 13</b> - Subsistemas dos pronomes de segunda pessoa você/tu no português brasileiro .....	41
<b>Figura 14</b> - Mapa do Brasil e Estado do Amazonas .....	67
<b>Figura 15</b> - Cidade de Humaitá e cidade de Manaus.....	67
<b>Figura 16</b> - Vista aérea da cidade de Humaitá e o rio Madeira em 2020 .....	68
<b>Figura 17</b> - Percurso da cidade de Humaitá até a comunidade ribeirinha Caiari, no rio Madeira... ..	69
<b>Figura 18</b> - Comunidade ribeirinha Caiari .....	70
<b>Figura 19</b> - Entrevista sociolinguística.....	72
<b>Figura 20</b> - Entrevista sociolinguística.....	73
<b>Figura 21</b> - Usos dos pronomes <i>você</i> e <i>tu</i> no Português Brasileiro em Martins (2010) .....	83
<b>Figura 22</b> - Distribuição da concordância em segunda pessoa na região Norte, Nogueira (2021). ..	84

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Totais de referências à segunda pessoa considerados na análise tu/você .....	47
<b>Gráfico 2</b> - Cidades da região Norte que favorecem o uso do pronome tu: dados do Projeto AliB	47
<b>Gráfico 3</b> - Região geográfica x Variável dependente .....	50
<b>Gráfico 4</b> - Percentuais das variantes tu/você.....	53
<b>Gráfico 5</b> - Frequência absoluta das formas de tratamento .....	58
<b>Gráfico 6</b> - Distribuição de frequência das variantes você e tu na comunidade Caiari .....	77
<b>Gráfico 7</b> - Percentual de tu/você em trabalhos desenvolvidos na região Norte .....	77

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – NOSSA HISTÓRIA TECIDA PELAS CORRENTEZAS DO RIO MADEIRA .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Tarrafeando a história sobre o antigo Caiari .....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Descendo o rio Madeira até o Caiari de hoje .....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 Navegando nos banzeiros da teoria da variação e mudança linguística.....</b>	<b>31</b>
<b>2.2 Nos banzeiros dos pronomes de segunda pessoa no português brasileiro.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3 Pescando estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil.....</b>	<b>42</b>
2.3.1 <i>Região Norte</i> .....	43
2.3.2 <i>Nordeste</i> .....	49
2.3.3 <i>Região Centro-Oeste</i> .....	54
2.3.4 <i>Região Sudeste</i> .....	57
2.3.5 <i>Região Sul</i> .....	61
<b>CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA .....</b>	<b>66</b>
<b>3.1 Amarrando nossa canoa no porto da comunidade ribeirinha Caiari.....</b>	<b>66</b>
<b>3.2 Perfil dos informantes.....</b>	<b>71</b>
<b>3.3 Método de coleta de dados.....</b>	<b>72</b>
<b>CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>76</b>
<b>4.1 Remando em direção aos dados colhidos .....</b>	<b>76</b>
<b>4.2 Referencialidade <i>tu/você</i> .....</b>	<b>78</b>
<b>4.3 Aspectos sintáticos.....</b>	<b>82</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>

## INTRODUÇÃO

*Eu nasci no interior  
Nunca neguei a ninguém  
A terra que a gente vem  
Merece todo amor  
Lá sorri e senti dor  
Lá eu fui feliz demais  
Sempre que olho para trás  
Quero voltar sem ter freio  
Quem esquece de onde veio  
Não sabe pra onde vai.  
(Bráulio Bessa)*

As águas do rio Madeira sempre me trouxeram inquietações pelos constantes banzeiros em dias de chuvas e temporais do final de verão, por suas vazantes e enchentes, pela calma ou agitação que dependem da lua. São sempre inquietações cercadas de alegria e de lembranças da minha infância que me seguem até hoje. Essas inquietações me fizeram novamente descer o rio Madeira até a minha comunidade ribeirinha Caiari com a finalidade não apenas de visitar o lugar e meus familiares, mas de registrar a história e os falares que estão presentes no cotidiano dos ribeirinhos caiarienses.

Descer o rio Madeira é muito significativo para os ribeirinhos que moram em comunidades abaixo da cidade de Humaitá-AM, pois é o retorno para casa. É muito comum ouvir, entre ribeirinhos que se encontram na cidade, expressões como “quando vai descer?” ou “vai descer hoje?”, essas expressões remetem às datas de retorno para sua comunidade ribeirinha, para o seio familiar, a volta para sua cultura e sua tradição.

Movido por essas inquietações, surgiu o interesse em realizar este trabalho, intitulado “Descendo nas águas do rio Madeira: Um estudo sobre os ribeirinhos caiarienses e o uso dos pronomes *tu/você* em sua fala”, que se justifica por minha familiaridade com o referido lugar em que ocorreu a pesquisa e pela disposição em estudar os fenômenos linguísticos presentes na fala dos ribeirinhos caiarienses.

As terras caiarienses são de propriedade do meu avô, pai de minha mãe e de mais sete filhos. Morei durante 18 anos no Caiari, lugar com que tenho fortes vínculos e para onde retorno com frequência. A comunidade Caiari, constituída sobretudo por meus familiares, está localizada à margem esquerda do rio Madeira, cerca de 200 km da área urbana do município de Humaitá, no estado do Amazonas, onde só é possível chegar por meio de



transporte fluvial (mais ou menos 9 horas de barco). Atualmente, residem 15 famílias na comunidade que sobrevivem da colheita do açaí, da pesca e da agricultura familiar.

Dentre os diversos aspectos linguísticos que poderiam ser selecionados como objeto de análise nesta pesquisa, a alternância pronominal das variáveis *tu/você* que estão em variação no português falado pelos ribeirinhos caiarienses foi um dos fenômenos linguísticos que mais me chamou a atenção. Diante disso, esta dissertação tem por objetivo investigar a realização desses pronomes de segunda pessoa *tu/você* que estão em variação no português falado nessa comunidade ribeirinha.

Empiricamente, pretende-se observar aspectos do comportamento sintático e semântico dessas formas pronominais, sobretudo aqueles relacionados à concordância verbal com pronome de segunda pessoa, à natureza da sentença (se declarativa ou interrogativa) e às leituras arbitrárias/genéricas e específicas. A amostra deste estudo foi constituída por 18 informantes, estratificados por faixa etária, nível de escolaridade e sexo.

Com base nos estudos já desenvolvidos na região Norte, a saber: Martins (2010), Costa (2013), Nogueira (2021), entre outros trabalhos das demais regiões do país e levando em consideração a vivência cotidiana do pesquisador e dos entrevistados, estabeleceram-se as seguintes hipóteses: 1) o pronome *tu* é mais usual entre os falantes ribeirinhos caiarienses; 2) a referencialidade específica é favorecida pelo pronome *tu*, enquanto a genérica é de uso do *você*; 3) Nas sentenças interrogativas há predominância do pronome *tu* e nas declarativas do *você*; 4) Não há concordância canônica de segunda pessoa na fala dos ribeirinhos caiarienses.

Além desta Introdução, em que contextualizo a pesquisa, ao apresentar o objeto de estudo, os objetivos, a justificativa e as hipóteses, esta dissertação encontra-se organizada em outras quatro partes. No capítulo 1, apresento a constituição histórica da comunidade ribeirinha Caiari, a partir de conversas formais e informais com familiares que residiram no local. Dividiu-se esse capítulo em duas seções. Na primeira, apresento o processo de formação da primeira comunidade Caiari e, posteriormente, teço um relato sobre o Caiari de hoje e a forma organizacional da comunidade.

No capítulo 2, discuto brevemente os pressupostos teóricos da Teoria da variação e mudança linguística, a partir dos estudos de Herzog (1968), Meillet (1924), Weinreich e Labov (2008). Em seguida, discorro sobre o processo de variação e mudança linguística no português brasileiro em consonância com os trabalhos de Menon (1995), Scherre et al. (2015), Coelho et al. (2021), Nogueira (2021) e Calindro e Rodrigues (2022). Sob a

perspectiva da variação e mudança linguística, apresentamos a realidade pronominal de segunda pessoa do singular encontrada no português brasileiro atual. No final do capítulo, teço um panorama dos estudos realizados sobre variação pronominal de segunda pessoa nas regiões do Brasil.

O terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos adotados para a realização da investigação linguística. Inicia-se com uma breve apresentação da cidade de Humaitá-AM, destacando-se algumas características da comunidade ribeirinha Caiari. A seguir, descreve-se o perfil dos informantes, método de coleta dos dados e o suporte utilizado para a descrição e análise dos dados.

No quarto capítulo, analisa-se o uso dos pronomes *você* e *tu* no português caiariense, sobretudo no que diz respeito a seus aspectos semânticos e sintáticos.

Ademais, para que este trabalho fosse o mais ribeirinho possível, as seções e/ou capítulos foram nomeados com falas de contextos cotidianos que os ribeirinhos utilizam com frequência em suas práticas rotineiras, sejam durante uma pescaria, ou em outras atividades do dia a dia.

## CAPÍTULO 1 – NOSSA HISTÓRIA TECIDA PELAS CORRENTEZAS DO RIO MADEIRA

Neste capítulo, apresentamos a construção histórica da comunidade ribeirinha Caiari a partir de conversas formais e informais com meu avô, minha avó, meus tios, minhas tias, minha mãe, meus primos, minhas primas e meus irmãos. Entendo que não seja possível estudar a língua por nós falada sem considerar o lugar a qual ela pertence. Para isso, decidi dividir o capítulo em duas partes. Na seção 1.1, falo do antigo Caiari, que existe na memória principalmente daqueles que lhe deram origem, para, na seção 1.2, falar do Caiari de hoje, que é o resultado de processos de transformação que perpassam a vida de seus moradores.

### 1.1 Tarrafeando a história sobre o antigo Caiari

*O Caiari pra mim sempre foi um sonho;  
Desde muito novo, eu sempre lutei para deixar essas terras de herança para meus filhos.*

*(Francisco Maciel)<sup>1</sup>*

Falar sobre a comunidade ribeirinha Caiari é resgatar memórias da infância e lembrar das histórias que eram contadas pelo meu avô e meus tios sobre o Caiari antigo. É relembrar as brincadeiras de pular n'água do rio Madeira, dos jogos de futebol nos fins de tarde debaixo dos cacauzeiros da minha avó. Lembro também dos momentos de conversas que meus tios e minha mãe sempre tinham nos fins de tarde para falar sobre os acontecimentos do dia na comunidade. Geralmente, as conversas mais demoradas eram na casa de forno no momento de torrar farinha ou fazer bolo pé de moleque<sup>2</sup>.

Uma das lembranças do passado que me inquietava para registrar é a construção histórica do Caiari que passa por vários Caiaris até o Caiari atual. Pode ser meio confuso para quem está ouvindo pela primeira vez, mas para mim sempre foi espetacular ver como a natureza e seus ciclos estão presentes na vida dos povos amazônicos ribeirinhos.

É indispensável que a construção histórica da comunidade Caiari seja descrita a partir dos relatos dos próprios moradores do local. Diante disso, para saber mais sobre a construção

---

<sup>1</sup> Meu avô, pai de minha mãe e proprietário das terras caiarienses.

<sup>2</sup> Bolo feito de mandioca. Conhecido como pé de moleque da Amazônia. Disponível em: <https://vitat.com.br/receitas/58632-pe-de-moleque-da-amazonia-bolo-indigena-mandioca>. Acesso em: 20 dez. 2022.

histórica do Caiari, entrevistei meu avô, Francisco Brito Maciel, que lembrou que o primeiro proprietário das terras caiarienses tinha sido, há 80 anos, o avô dele:

Quando meu avô chegou ali, comprou aquelas sessenta estradas e entre elas estão: Jurará, São Sebastião, São Joaquim, Fazendinha, Salomão e Caiari grande. Antes dele morrer, ele deu o Jurará para a tia Nízia, deu o São Joaquim para minha mãe, deu o São Sebastião para o tio Almirindo e saiu repartindo as terras entre os filhos. A tia Nízia era a mais velha, o tio Almirindo o do meio e a mamãe a mais nova.

De acordo com meu avô, desde muito novo ele juntava dinheiro para comprar as terras Caiarienses que ele não tinha herdado, pois esse era o sonho dele. Aos 16 anos, ele casou com minha avó e esse sonho se intensificou ainda mais. Meu avô relata que, com o passar do tempo, seus tios foram mudando para a cidade e vendendo suas partes de terras. Meu avô aos poucos foi comprando as partes de terra que pertenciam aos seus tios e, assim, essas terras foram se tornando o Caiari.

A história do Caiari é dividida em vários Caiaris, pois, por serem terras de várzea, com o passar do tempo, a comunidade se distanciava da beira do rio Madeira, conforme explica Cruz (2009, p. 113): “As áreas de várzea são planícies de aluviões recentes, periodicamente recobertas pelas águas dos rios barrentos da região que ali depositam grande quantidade de sedimentos”. Por isso, era necessário deslocar as casas para um local próximo da água, visto que o rio é um elemento importante para a subsistência dos ribeirinhos amazônicos. A título de informação, compartilho o conceito de ribeirinho a partir de Ortiz e Do Amaral (2020) “os ribeirinhos são povos tradicionais [...] possuem uma rotina pautada na existência do rio; os mesmos têm contato com o ambiente natural e ainda mantêm um vínculo simbólico com o flúmen que corta o seu habitat natural”.

O primeiro Caiari foi onde minha mãe e meus sete tios nasceram e cresceram. De acordo com relatos do meu tio Francisco, no primeiro Caiari a principal atividade econômica advinha do corte de seringa e depois da pesca. O tio Francisco relata que:

O principal era a seringa, só que a seringa era o seguinte: era de junho até dezembro, no máximo até janeiro. Esse que era o período da seringa. Depois disso, você tinha que se virar de outra coisa, que nem a pesca que era pra cobrir essa dificuldade. Era naquele período de cheia.

Além disso, meu tio ainda explica que após a colheita da seringa o meu avô vendia o produto colhido para dois regatões<sup>3</sup>. Segundo meu tio Francisco, filho do meu avô, “Era o Juarez Orácio e Juraci. Eram esses dois aí que eu me lembro”. Toda a extração do látex era passada para os regatões em troca de mercadoria de uso pessoal da família do meu avô e mercadorias que eram revendidas para os moradores da comunidade.

O tio Orlandino, o segundo filho mais velho do meu avô, descreve que no primeiro Caiari moravam várias famílias: “Morava a família do papai, do tio Chiquinho, do tio Dova, do tio Lôri, do tio Dico, tio Naldo, todos os filhos do vovô moravam lá. Era só família mesmo”. Em média, no primeiro Caiari moravam seis famílias.

Os filhos homens do meu avô ajudavam na extração do látex e na pesca. As filhas mulheres também eram responsáveis por algumas atividades que ajudavam na economia da casa. Segundo Maria Maciel, minha mãe, ela ajudava minha avó nos serviços de agricultura:

Eu plantava feijão, plantava roça. Eu comecei a ajudar minha mãe desde muito cedo, sempre ia muito animada ajudar minha mãe. A gente ia plantar feijão, quando chegava a gente ia carregar água e depois voltava para lavar roupas. A gente lavava roupas nas baixas que ficavam mais próximas para não ir no rio, porque o rio era muito longe.

Devido à distância da água até as casas, os caiarienses foram mudando suas casas para mais próximo da beira do rio Madeira<sup>4</sup>, isso está ligado ao modo de vida dos ribeirinhos. Do rio vem o peixe, principal alimento das famílias ribeirinhas, além de ser a única forma de deslocamento até os centros urbanos.

Dessa forma, entende-se que o rio está presente de várias formas na vida dos ribeirinhos amazônicos, seja como o lugar da pesca ou como o meio pelo qual transporta as coisas e pessoas. Na obra “Cultura amazônica: uma poética do imaginário”, Loureiro (1995, p. 202) apresenta o rio como “o lugar onde a água é água por excelência. O rio é de água. O rio está vestido com a pele das águas”. Em consonância disso, Fraxe (2004, p. 48) tece que “o rio não é meramente um espaço físico, móvel, mutante, mas lugar de seu trabalho, de sua sobrevivência, e sobre o qual dispõem de grandes conhecimentos acumulados”.

Ao buscar estar sempre próximo do rio Madeira, ao longo dos anos, os ribeirinhos caiarienses mudaram suas casas de lugar algumas vezes. Durante as entrevistas com minha

---

<sup>3</sup> Fornecedor de mercadoria da época que trocava mercadoria por produtos extrativos, como por exemplo o látex.

<sup>4</sup> O rio Madeira é um rio da bacia do rio Amazonas que banha os estados de Rondônia e do Amazonas. É um dos afluentes principais do rio Amazonas. Tem extensão total aproximada de 3.315 km, sendo o 17º maior do mundo em extensão. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Madeira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Madeira). Acessado em: 26 jun. 2022.

família sobre a história do Caiari, foi relatado que eles já mudaram suas casas de lugar pelo menos cinco vezes, pois com o passar dos anos as casas se distanciavam da beira do rio Madeira.

Assim, conclui-se esta subseção, para, na sequência, registramos a caracterização, aspectos culturais, modo de sobrevivência e organização da comunidade Caiari nos dias atuais. Essa descrição é relevante neste trabalho, pois a referida comunidade é o *locus* de nossa investigação.

## 1.2 Descendo o rio Madeira até o Caiari de hoje

*Eu corria descalço nesse chão  
Que fervia da quentura do sol quente.  
Não ficava cansado nem doente,  
Não tomava comprimido ou injeção.  
Brincadeiras de polícia e ladrão  
Sem ninguém precisar andar armado,  
com cipó o bandido era algemado  
e um grito da mãe era a fiança.  
**Tem pedaços do meu tempo de criança  
No lugar em que nasci e fui criado.**  
(Bráulio Bessa<sup>5</sup>)*

Atualmente, a comunidade ribeirinha Caiari está localizada à margem esquerda do rio Madeira, cerca de 200 km da área urbana do município de Humaitá-AM, onde só é possível chegar por meio de transporte fluvial. O transporte mais utilizado pelos ribeirinhos caiarienses para chegarem até a cidade de Humaitá e retornarem para a comunidade Caiari é o barco recreio<sup>6</sup>, conforme Figura 1.

---

<sup>5</sup> Escritor Cearense. Extraído de: *Poesia que transforma*. Rio de Janeiro: Sextante Editora: 2019, p. 31.

<sup>6</sup> Embarcação que transporta cargas e passageiros de uma cidade a outra no Amazonas.

**Figura 1 - Barco recreio**



**Fonte:** De autoria própria

Durante a viagem de barco recreio pelas águas do rio Madeira, é muito comum encontrar a imagem de uma casa isolada ou várias casas em um espaço de terra, geralmente o agrupamento de casas é uma comunidade ribeirinha que é formada por parentes ou conhecidos. A maioria das casas são construídas com madeira e tem uma estrutura alta para que a enchente entre os meses de janeiro a junho não cause inundação.

A comunidade Caiari (Figura 2) é formada por 15 famílias. A maioria das famílias reside em casas de madeira cobertas de telha e são fixadas à beira do barranco de frente para o rio Madeira. Outras famílias moram em barcos e casas flutuantes que na maior parte do ano ficam ancorados no porto da comunidade. Em época de seca do rio Madeira, as casas flutuantes são ancoradas em pontos estratégicos por causa das fortes chuvas e temporais.

**Figura 2** - Frente da comunidade ribeirinha Caiari na época de seca em 2022



**Fonte:** De autoria própria

Nos meses em que ocorre a cheia do rio Madeira, a água chega próximo das casas. Por outro lado, na época da seca que ocorre nos meses de julho a dezembro, a água do rio Madeira fica distante das casas fazendo com que os ribeirinhos caiarienses percorram aproximadamente 15 minutos de suas casas até a beira do rio. Nesses meses de seca do rio, os caiarienses têm que carregar produtos de uso geral até suas casas, o que dificulta muito a vida dos ribeirinhos caiarienses.

O acesso à água ocorre por meio de um motor bomba (Figura 3) que abastece a caixa de água das casas dos moradores da comunidade. Essa água é utilizada para tomar banho, lavar louça, lavar roupas e limpar a casa. Para o consumo, os caiarienses compram água mineral, pois a água do rio Madeira não é tratada e pode ocasionar doenças.

Tanto no antigo Caiari, quanto no Caiari dos dias atuais, o modo de vida dos ribeirinhos caiarienses na beira do rio se traduz na profunda articulação com a natureza, sendo o rio o elemento essencial na vida econômica, social e cultural das populações ribeirinhas. Para Figueiredo (2002, p. 112), “é nas águas do rio que se divertem, crianças e adultos e é através do rio que se comunicam com o mundo exterior”.

Ligada ao uso das águas do rio e às atividades do cotidiano ribeirinho, encontra-se em alguns portos de casas, a prancha de lavar roupas (Figura 4), que apesar de não ser utilizada tanto quanto antigamente, ainda hoje é utilizada por alguns ribeirinhos.



**Figura 3 - Motor bomba**



**Fonte:** De autoria própria

**Figura 4 - Prancha para lavar roupas**



**Fonte:** De autoria própria

Historicamente, as mulheres sempre desempenharam (e ainda desempenham) mais de um papel dentro de algumas atividades nos territórios rurais da Amazônia, apesar de, em geral, ficarem mais restritas ao ambiente doméstico, elas também têm papel relevante na agricultura familiar, como apontam D’Incão e Cotta Junior (2001).

[...] Parece não ser muito questionável dizer que o papel da mulher nas sociedades e nos grupos tradicionais tem tido uma tendência a estar mais ligado à subsistência e aos cuidados do grupo doméstico. No caso da agricultura familiar, a mulher tem participado do trabalho produtivo, ou como mera ajudante, ou até mesmo como responsável por tarefas de roçado, ou por outros tipos de cultivos, mas dificilmente esta responsabilidade incide sobre todas as etapas do processo produtivo (D’INCÃO; COTTA JÚNIOR, 2001, p. 429).

Nas comunidades ribeirinhas é muito comum que a prancha de lavar roupas seja direcionado à mulher, pois é a mulher que lava as roupas da família, que utiliza a prancha para tratar o peixe<sup>7</sup>, para dar banho nos filhos, lavar louças, entre outras atividades relacionadas ao serviço doméstico. Apesar da figura feminina ainda ser vista desta forma, destaca-se aqui que, há um grupo minoritário de mulheres ribeirinhas que saem de sua

---

<sup>7</sup> Para os ribeirinhos a expressão “tratar o peixe” é todo o processo de limpar e deixar pronto para levar ao fogo.

comunidade para seguir os estudos na área urbana com o intuito de ocupar espaços que não são ligados somente às atividades domésticas.

Em aspectos de subsistência, o rio Madeira é dos principais responsáveis por garantir o sustento das famílias ribeirinhas. Segundo o tio Orlandino, “a força do peixe<sup>8</sup> ocorre nos meses de janeiro a fevereiro, março, abril, maio e junho”. A pesca é a principal atividade para os ribeirinhos caiarienses, pois é de onde é tirado o principal alimento, tanto para a subsistência quanto para a aquisição da renda familiar (Figura 5). As terras Caiarienses possuem alguns lagos onde ficam a maior concentração de peixes, entre os lagos estão: Igarapé (Figura 6), Lago do Boto, Laguinho, Peixe Boi, Passa-bem, Baixa Grande, Vitor e Jacinto.

**Figura 5** - Pescador Juraci



Fonte: De autoria própria

**Figura 6** - Lago do Igarapé



Fonte: De autoria própria

Os lagos possuem várias espécies de peixes, como aruanã, tambaqui, pacu, pirarucu, peixe-boi, jatuarana, carauçu, tucunaré, cará, pirapitinga, entre outros. Para a caiariense Raimundinha, filha mais velha do meu avô, a pesca é muito importante, pois “É da pescaria que tiramos nosso sustento, às vezes vamos e pegamos e às vezes não pegamos. Nesses meses de inverno que começa de janeiro até junho é de onde vem a renda”.

Nesse sentido, é possível dizer que a pesca é uma das principais atividades dos ribeirinhos amazônicos, pois além do peixe ser um dos principais alimentos, ainda torna-se

---

<sup>8</sup> Considerada pelos ribeirinhos, a melhor época do ano para a pesca na beira do rio Madeira.

uma fonte de renda para as famílias ribeirinhas. A pesca ocorre nos lagos, Igarapés e rios, em lugares distantes os ribeirinhos utilizam com frequência a canoa movida por motor rabeta (Figura 7).

**Figura 7** - Ribeirinho dirigindo motor de rabeta



**Fonte:** De autoria própria

Além da pesca, a agricultura (Figura 8) também faz parte da subsistência dos ribeirinhos caiarienses. A plantação de mandioca constitui parte da agricultura familiar dos ribeirinhos caiarienses, pois a produção de farinha é realizada com a mandioca, sendo a farinha e o peixe a base da alimentação dos ribeirinhos caiarienses.

**Figura 8** - Plantação de mandioca e macaxeira na comunidade Caiari



**Fonte:** De autoria própria

Em comunidades ribeirinhas amazônicas, é muito comum que a energia elétrica seja fornecida por meio de gerador, que é denominado pelos ribeirinhos de motor de luz. Na comunidade Caiari, a força do motor de luz é de 22 *HP* (Figuras 9 e 10). O motor de luz é ligado somente à noite, das 18h às 23h. Em média, cada família contribui com aproximadamente R\$ 350,00 por mês para o fornecimento de energia elétrica. Essa é a faixa de gasto por mês de uma família (com geladeira, televisão, ventilador) que mora em área urbana com energia elétrica para o dia todo. Diante dessa comparação, é perceptível que isso é uma das dificuldades que os ribeirinhos caiarienses enfrentam.

**Figura 9** - Caminho até o motor de luz



Fonte: De autoria própria

**Figura 10** - Motor de luz



Fonte: De autoria própria

Em relação à vida cultural dos ribeirinhos Caiarienses, pode-se dizer que é marcada pelos costumes do dia a dia dos povos ribeirinhos e manifestações culturais. Os costumes e manifestações culturais dos caiarienses são marcados pela coleta de frutos da região, o trabalho na roça, a pesca, o uso de canoas e de rabetas, os jogos de futebol nos fins de tarde, a participação nas celebrações religiosas, com predominância no catolicismo e movimentos catequéticos, a participação em festejos realizados em comunidades ribeirinhas em honra a algum santo católico, as danças em ritmo de forró, a utilização de plantas medicinais, entre outros.

Na comunidade Caiari, observa-se a falta de promoção de políticas públicas que de forma direta e indireta interferem na vida desses ribeirinhos. Verifica-se certo descaso por parte da Secretaria Municipal de Saúde, uma vez que há somente o serviço de Agente Comunitário de Saúde (ACS). Em caso de maior gravidade, solicitam a ambulância<sup>9</sup> para fazer o transporte do paciente até o hospital na sede do município. Ressalta-se que esse serviço de transporte leva horas para chegar, dependendo da disponibilidade. Outra alternativa que a Secretaria de Saúde do Município oferece é uma sala de atendimento com técnico em enfermagem que fica em outra comunidade ribeirinha.

Além disso, os ribeirinhos caiarienses recebem visita médica na comunidade apenas 2 ou 3 três vezes ao ano. São visitas precárias que não disponibilizam recursos necessários que atendam às necessidades dos ribeirinhos. Na maioria das vezes, os pacientes são encaminhados para fazer exames, ou consultas com especialistas na sede do município.

Nesse sentido, Brasil GB et al. (2016) discorrem que a igualdade no acesso é algo que se deixa a desejar, uma vez que pessoas que residem em metrópoles e grandes centros urbanos possuem maior aproximação e facilidade no acesso à saúde, já os ribeirinhos, muitas vezes, precisam se deslocar de onde residem para outra comunidade e até mesmo outro município, acarretando gastos extras na renda familiar ou até mesmo impedindo aquele cidadão de buscar o sistema de saúde, por falta de condições financeiras, o que é causado pela falta de cobertura que a saúde deveria proporcionar para essa população.

No que diz respeito à educação, a comunidade Caiari não possui escola. Os ribeirinhos caiarienses se deslocam para uma comunidade próxima por meio do transporte escolar para ter acesso à educação escolar. A escola é uma balsa flutuante de ferro (Figura 11), que está ancorada no porto da comunidade ribeirinha São Rafael (via barco, a distância é de aproximadamente 30 minutos da comunidade Caiari).

---

<sup>9</sup> Transporte fluvial utilizado na locomoção dos cidadãos com doença grave.

**Figura 11** - Escola Municipal Fluvial Osmarina Melo de Oliveira (balsa escola)



**Fonte:** De autoria própria

A escola oferta os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental em tempo integral. No período noturno, é oferecido apenas o 1º ano do Ensino Médio mediado por tecnologia<sup>10</sup>. Em aspectos estruturais, a escola é flutuante, possui 1 cozinha, 1 refeitório, 1 secretaria, 5 alojamentos para os funcionários, 8 banheiros e 10 salas de aulas que são divididas em três andares. Essa instituição atende cerca de 14 comunidades ribeirinhas, perfazendo um total de 124 alunos matriculados (dados fornecidos pela administração da escola em março de 2023).

A Escola Osmarina Melo de Oliveira está funcionando desde 2016, sendo referência por oferecer educação em tempo integral no interior do município de Humaitá e por ser a primeira balsa escola flutuante do Brasil. O horário de funcionamento é das 8h às 16h. Durante esse período são servidas três refeições, sendo: café da manhã, almoço e lanche da tarde.

---

<sup>10</sup> A educação presencial mediada por tecnologia é uma prática pedagógica que permite a realização de aulas à distância para salas localizadas em qualquer lugar do país.

**Figura 12** - Ribeirinhos caiarienses retornando para a comunidade após dia de aula.



**Fonte:** De autoria própria

Apesar de alguns avanços na educação ribeirinha, ainda existem algumas barreiras que impedem a oferta de um ensino que atenda as particularidades dos alunos ribeirinhos. Nessa perspectiva, compartilho o pensamento de Arroyo, Caldart e Molina (2008, p. 14-15):

A luta é por uma educação que garanta o direito ao conhecimento, à ciência e à tecnologia socialmente produzida e acumulada. Mas também que contribua na construção e afirmação de valores e da cultura, das auto-imagens e identidades da diversidade que compõe o povo brasileiro do campo [que fortaleça] a identidade e a autonomia das populações do campo e ajudar o povo brasileiro a compreender que não há uma hierarquia, mas uma complementaridade: cidade não vive sem campo que não vive sem cidade.

Em consonância disso, Fraxe (2004) sintetiza que os moradores rurais/ribeirinhos revisitam sua própria identidade numa perspectiva cidadã, de modo que tenham o direito por meio da educação, ter acesso aos bens culturais produzidos pela sociedade, sem que isso lhes custe a cultura, os modos de viver e de produzir.

Além disso, Caldart (2004), Arroyo (2004) e Hage (2005) destacam que uma das grandes dificuldades da escola do campo é exatamente construir uma proposta curricular que

não ignore a especificidade do aluno do campo. Paralelo a isso, Vasconcelos e Albarado (2015, p. 53) também afirmam que:

O currículo deve promover o desenvolvimento de conteúdos escolares que fortaleçam os grupos marginalizados social e culturalmente. Essa tentativa representaria para as comunidades ribeirinhas um importante passo no processo de construção de conteúdos e projetos pedagógicos que contemplem a peculiaridade e a diversidade cultural no espaço escolar ribeirinho.

A partir disso, pressupõe-se que é indispensável que o currículo escolar das escolas ribeirinhas leve em conta as peculiaridades locais, pela construção de uma educação para consciência cultural que valorize e respeite a cultura, pela construção de mais espaços democráticos e plurais, em que o diálogo produz sentido na tomada de decisões. É tempo oportuno de criar afirmações identitárias e formas de resistências aos mecanismos perversos da globalização (VASCONCELOS; ALBARDO, 2015).

Por fim, após delinear alguns contornos do *lôcus* do presente estudo, conclui-se a presente subseção. Sendo assim, embarcarei em minha canoa e navegarei em direção ao próximo capítulo que trata sobre os estudos teóricos sobre variação e mudança linguísticas que darão suporte para a produção deste trabalho.



## CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos os estudos linguísticos que fundamentaram nossa pesquisa. Iniciamos, na seção 2.1, uma apresentação da teoria da variação (LABOV, 2008) e os princípios da teoria geral da mudança linguística propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006), elencando discussões sobre a ruptura teórico-metodológica causada por esse modelo em relação a modelos teóricos anteriores. Na seção 2.2, por sua vez, discorreremos cuidadosamente sobre o sistema pronominal do português brasileiro, discutindo algumas propostas de classificação, considerando-se inclusive formas do português falado em diversas regiões do Brasil. Na seção 2.3, fazemos um levantamento de pesquisas desenvolvidas no Brasil a respeito do sistema pronominal do português falado em todas as regiões do país, a fim de compreender em que medida esse tema tem avançado.

### 2.1 Navegando nos banheiros da teoria da variação e mudança linguística

Os estudos sobre variação e mudança linguística foram marcados a partir de Labov e seus trabalhos sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard (1963) e a realização do /r/ em posição pós-vocálica na cidade de Nova York (1966), os quais tiveram pressupostos teóricos-metodológicos embasados na relação entre língua e sociedade, análise de dados linguísticos de regras variáveis, relacionados aos fatores linguísticos e extralinguísticos, pesquisa de campo e a interação com falantes/informantes.

Nesse período, Labov (2008) ressalta a contribuição de alguns autores que no início do século XX tentavam explicar a mudança linguística a partir do contexto social, como é o caso de Meillet (1921, p. 16-17 apud LABOV, 2008, p. 304):

[...] pelo fato de ser a língua uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social, da qual as variações da língua são apenas as consequências.

Em vista disso, é possível dizer que Meillet, por entender a língua como uma instituição social, acredita que toda e qualquer variação ou mudança que ocorra na língua é motivada por fatores sociais. Em consonância disso, Labov (2008) destaca que, mesmo depois de vinte anos, Vendryes (discípulo de Meillet) apresenta o mesmo entendimento: “A linguagem, que é o fato social por excelência, resulta dos contatos sociais. Ela se tornou um

dos vínculos mais fortes que unem as sociedades e deve seu desenvolvimento à existência do grupo social” (VENDRYES, 1951, p. 11 apud LABOV, 2008, p. 304).

Além de Meillet, outros pesquisadores do século XX tinham uma concepção social de língua. De acordo com Coelho et al. (2021, p. 57): “Na perspectiva da linguística soviética, para Nicolai Marr, por exemplo, as línguas são instrumentos de poder, refletindo a luta de classes sociais”. Segundo Coelho (2021), essa diversidade de discussões teóricas motivaram o simpósio “Direções para linguística histórica”, ocorrido na Universidade do Texas nos dias 29 e 30 de abril de 1996, nos Estados Unidos.

Ao consultar a obra “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística” de Weinreich, Labov e Herzog (2006), verificou-se que o principal objetivo do simpósio era a renovação do interesse acadêmico pelos estudos linguísticos históricos, e além disso, elevar esses estudos a uma posição de prestígio entre as disciplinas linguísticas.

O simpósio foi, então, idealizado com intuito de reequilibrar os pratos da balança, buscando desencadear, nas universidades norte-americanas, uma onda acadêmica que pudesse resgatar para a linguística histórica uma posição de centralidade nas pesquisas. O momento era muito propício, seja pelos dados dialetológicos coletados na década de 1950, seja pelo surgimento da sociolinguística, no início dos anos 1960, cujas primeiras pesquisas já sinalizavam importantes repercussões para uma renovação teórica e metodológica da linguística histórica. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 9-10).

Os trabalhos apresentados no Simpósio foram reunidos por Lehmann e Malkiel no livro *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*, que foi publicado em 1968 pela Editora da Universidade do Texas. Os organizadores do livro classificaram o texto de Weinreich, Labov e Herzog entre os estudos mais relevantes sobre a mudança em comunidades linguísticas contemporâneas. O texto de WLH (a partir de agora iremos usar a sigla para nos referirmos ao trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (2006)) tinha o objetivo de “propor um conjunto de fundamentos para o estudo da mudança. Para isso, os autores consideraram minuciosamente as propostas dos neogramáticos, estruturalistas e gerativistas em relação ao tema” (COELHO et al., 2021, p. 57).

Quanto à tradição neogramática, WLH criticam as teorizações de Hermann Paul em seu livro *Prinzipien der Sprachgeschichte* (1880). Toma-se este livro por ter servido de referência em linguística histórica até as primeiras décadas do século XX. Dentre os

problemas apontados por WLH, está a definição da língua como objeto psicológico, vejamos as considerações:

O recorte de Paul estabelece a língua do indivíduo (o idioleto) como objeto da investigação linguística. Com isso, ele define a língua como objeto inerentemente psicológico e instaura uma dicotomia de difícil superação entre o individual e o social. Isolado o idioleto como objeto, a mudança linguística será entendida no interior do idioleto, seja por processos espontâneos (de dentro para fora), seja por adoção seletiva pelo indivíduo de traços do idioleto de seus interlocutores (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 18)

Essas concepções dos neogramáticos sobre a definição da língua em uma perspectiva associal e psicológica vai de encontro com a teoria de WLH sobre os estudos da mudança linguística e os aspectos sociais da língua. Outro problema apontado nas teorias neogramáticas é a mudança fonética, observemos:

No caso das mudanças fonéticas (que, pelas limitações da investigação linguística da época, será particularmente privilegiada no modelo de Paul), entende-se que elas ocorrem motivadas por fatores psifisiológicos. Postula-se um princípio de maior comodidade aos órgãos fonadores como determinante daquelas mudanças (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 18).

De acordo com o pensamento de WLH (2006), há problemas na sustentação dessa teoria, uma vez que logo se complica ao responder o problema da implementação: “por que determinada mudança não ocorreu antes (se ela afeta a comodidade dos falantes) e por que alguns falantes não a realizam (i.e., conservam o padrão pretensiosamente menos confortável)?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 18).

Realizadas as considerações da proposta dos neogramáticos, WLH fazem alguns apontamentos sobre a visão de língua a partir de Saussure (1916). A teoria saussuriana prega a concepção de língua como estrutura autônoma e homogênea e não considera os fatores externos. Sobre isso, destacam-se as contribuições de Coelho et al., (2021, p. 56).

No início do século XX, Saussure, marco da corrente linguística denominada estruturalismo, rompe com a tradição de estudos históricos e comparativos vigente no século anterior e delimita, como objeto de estudo da linguística, a língua (*langue*) tomada em si mesma, vista como um

sistema de signos que estabelece relações entre si formando uma estrutura autônoma, desvinculada de fatores externos, sociais e históricos.

As discussões feitas por WLH em Saussure diz respeito à implicação direta entre sistematicidade e homogeneidade, pois os autores acreditam que a língua não pode ser estudada fora do contexto social, uma vez que a variação é explicada por forças externas ao sistema. Acrescentam ainda que Saussure “embora tenha tido um papel revolucionário na história da linguística, não foi além de Paul quando tratou da mudança linguística. E, ainda que tenha postulado a língua como fato social, em nada contribuiu no sentido de estudá-la como heterogeneidade ordenada” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 20).

Sendo assim, entra-se em pauta a discussão e apresentação dos fundamentos da teoria e mudança linguística, conhecida como sociolinguística.

A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística [...] Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável (CEZARIO; VOTRE, 2011, p. 141).

A proposta da teoria da variação e mudança linguística apresentada por WLH discute que língua e sociedade são indissociáveis, pois acreditam que o estudo linguístico deve se pautar na língua usada pelos falantes em situações reais de fala. Em consonância disso, Coelho et al., (2021, p. 11) discorrem que: “É necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua – os falantes – tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros”. Logo, em nota introdutiva de sua obra “Padrões sociolinguísticos”, Labov (2008, p. 14) descreve:

Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social. [...] Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos.

Sob essa visão, os estudos desenvolvidos nos moldes sociolinguísticos consideram o caráter heterogêneo e levam em consideração os aspectos sociais que regem o uso da língua.

Sobre isso, Mollica e Braga (2020, p. 9) apontam que “esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo”.

Para reforçar essa concepção, menciona-se o pensamento de Bright (1974) que discorre que o objeto de estudo da sociolinguística seria a diversidade linguística, por tal objeto estar relacionado a fatores como: identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte e o contexto social.

Ao citar o trabalho de Antoine Meillet, Coelho et al. (2021, p. 57) afirmam que: “A língua é um fato social, deve-se recorrer ao domínio social para compreensão da dinâmica linguística. Assim, do ponto de vista de Meillet, toda e qualquer variação na língua é motivada estritamente por fatores sociais”.

Sob essa perspectiva, os estudos de Labov mostram que a língua e a sociedade são intimamente interligadas, vejamos:

[...] Não se pode entender uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

Em relação à mudança linguística, trazemos novamente as contribuições de Coelho et al. (2021, p. 70), que exemplifica esse processo citando que “como no inglês do século XV é diferente do inglês do século XX, o português do século XV também não é idêntico ao do século XX”. Em vista disso, percebemos que as mudanças são ocorridas ao longo do tempo de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes. Nessa direção, apresentamos a concepção de Mollica e Junior (2016, p. 23): “as línguas humanas são sistemas dinâmicos, mutáveis e flexíveis que, ao longo do tempo, se acomodam tanto às mudanças socioculturais das comunidades de fala como as necessidades comunicativas de seus usuários”.

Para WLH, a mudança linguística é um processo que depende da dinâmica interna das línguas naturais. Para os autores, “nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 139). Vejamos o que ainda ressaltam os autores:

Velhas e novas formas variantes rivalizam no mesmo momento de tempo e essa alternância pode representar uma transição para outro estado de língua. Essa transição pode ser percebida principalmente no controle social da variação, na sua distribuição pelos diferentes estratos sociais da população analisada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 139).

A concepção de mudança linguística apresentada por WLH vai além de um processo imperceptível e assistemático, “incorporam no estudo da língua os fatores sociais, apontando uma correlação entre a estrutura linguística e a social, o que coloca o contexto social como palco da mudança linguística” (COELHO et al., 2021, p. 72). Sob essa perspectiva, é possível dizer que os fatores sociais estão ligados no desenvolvimento da mudança linguística.

Pensando na relação entre variação e mudança linguística, voltamos a teoria de WLH, de que nem toda variação é uma mudança linguística, ao contrário, toda mudança envolve a variação. De acordo com Coelho et al. (2021, p. 73), isso significa que:

O fato de existirem duas variantes competindo pelo mesmo contexto não quer dizer que uma delas vai se tornar obsoleta e que a outra vai se tornar a forma usual. Duas formas podem conviver em variação durante anos sem que haja a substituição de uma pela outra, ou seja, sem que haja mudança completada, numa situação de *variação estável*.

Assim, no português brasileiro pode haver variáveis<sup>11</sup> que estejam em variação por causa de uma marcação causada pelo contexto em que o falante participa, mas que isso não necessariamente implica em processo de mudança linguística. À título de exemplificação de variação, citemos o fenômeno de rotacismo, visto no trabalho de Coelho et al. (2021), em que as formas “pranta” e “planta” fazem parte do arcabouço linguístico dos falantes, o que diferencia é que a usabilidade na escolha de uma das formas pode estar relacionada à escolaridade ou região do falante.

Em relação à mudança linguística, pode-se citar a forma de tratamento de base nominal *vossa mercê* que hoje é apresentada como *você* no sistema pronominal da língua portuguesa. É possível dizer que esse tipo de mudança tem relação com fatores social e culturais, como pode ser conferido em “Introdução à Sociolinguística” de Mollica e Braga (2020). A esse respeito, vejamos:

---

<sup>11</sup> Entende-se como variável o conceito apontado por Mollica e Braga (2020, p. 10-11): “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”.

[...] A mudança linguística não é absolutamente mecânica e regular a curto prazo. Em qualquer estado real da língua, costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo – normalmente no espaço de várias gerações – a mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo. Uma mudança pode ser limitada por um determinado contexto estrutural (por exemplo, as surdas se tornam sonoras entre vogais), mas neste contexto elas não admitem exceções. Isto é, a famosa “hipótese dos neogramáticos”. Temos, portanto, um conflito aparente entre o curto e o longo prazo. (MOLLICA; BRAGA, 2020, p.43).

Diante disso, é relevante dizer que para entender a mudança linguística é preciso admitir que a língua não é um sistema abstrato e homogêneo, mas heterogêneo e variável. Para além disso, pode ser estudada a partir dos fatores linguísticos e sociais para, então, explicar uma mudança ou uma variação linguística.

## **2.2 Nos banzeiros dos pronomes de segunda pessoa no português brasileiro**

Ao longo deste trabalho, apresentaremos vários estudos desenvolvidos nas regiões do Brasil sobre a alternância dos pronomes *tu/você* (e as formas *ocê* e *cê*). Isso mostra que há produtividade dos falantes do português em relação a essa variação morfológica<sup>12</sup>. Coelho et al. (2021, p. 153) destaca que, “de todas as mudanças por que passou o português ao longo dos séculos, talvez a pronominal tenha sido a mais significativa. Assim sendo, nesta subseção, discutiremos sobre os pronomes de segunda pessoa no português brasileiro.

Apesar de os estudos sobre variação pronominal apontarem a inserção do *você* como pronome de segunda pessoa no paradigma pronominal brasileiro, em algumas gramáticas tradicionais ainda não há registros que considerem essa inclusão. Nessa direção, o trabalho de Calindro e Rodrigues (2022), publicado em “Gramática e aquisição: proposta para o professor da educação básica”, discute essa omissão dos manuais tradicionais e destacam que nesses manuais “a discussão sobre pronomes é imprecisa, incompleta e também equivocada” (CALINDRO; RODRIGUES, 2022, p. 102). Para ilustrar essa omissão nos manuais gramaticas, as autoras apresentam um quadro pronominal proposto por Cereja e Vianna (2019, p. 178), vejamos:

---

<sup>12</sup> Entendida como a alternância da forma pronominal *tu/você* (Coelho et al., 2021)

### Quadro 1 - Pronomes pessoais

PRONOMES PESSOAIS		
	Retos	Oblíquos
1ª pessoa do singular	Eu	Me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	<b>Tu</b>	Te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	Ele(a)	o, a, lhe, se, si, consigo
1ª pessoa do plural	Nós	Nos, conosco
2ª pessoa do plural	Vós	Vos, convosco
3ª pessoa do plural	Eles(a)	Os, as, lhes, se, si, consigo

**Fonte:** Cereja e Vianna (2019, p. 178 apud CALINDRO; RODRIGUES, 2022, p. 102)

Com vistas a explicar o quadro acima, verifica-se que não é considerada a forma pronominal *você* como pronome pessoal de segunda pessoa, além das outras formas pronominais presentes no contexto atual da língua portuguesa, como por exemplo: *a gente* (primeira pessoa do plural) e *vocês* (segunda pessoa do plural).

Diante disso, Coelho et al. (2021) fazem uma comparação entre a organização das formas pronominais apresentadas nos manuais tradicionais com as novas formas pronominais em uso, vejamos o Quadro 2.

### Quadro 2 - Reestruturação do paradigma pronominal proposto por Coelho et al. (2021)

PESSOAS	PARADIGMA 1	PARADIGMA 2
P1	EU	EU
P2	TU	TU~VOCÊ
P3	ELE/ELA	ELE/ELA
P4	NÓS	NÓS~A GENTE
P5	VÓS	VOCÊS
P6	ELES/ELAS	ELES

**Fonte:** Coelho et al. (2021, p. 154)

O paradigma 1 corresponde à coluna dos pronomes do caso reto apresentado no primeiro Quadro 1, enquanto o paradigma 2 são as formas pronominais em uso no português atual. Coelho et al. (2021, p. 154) explicam que “a evidente inovação no paradigma 2 deve-se à entrada das formas pronominais *você/vocês* e *a gente* na língua portuguesa. As formas pronominais *tu/vós* e *nós* passaram a conviver com as formas *você*, *vocês* e *a gente*, respectivamente”. De acordo com a referida autora, as formas *você/vocês* resultam respectivamente do processo de mudança linguística que advém dos pronomes de tratamento *vossa mercê/vossas mercês*. Vejamos:



No percurso de ‘vossa mercê’/ ‘vossas mercês’ para ‘você/vocês’, a forma de tratamento foi se gramaticalizando – *vansuncê(s)* – *vassucê(s)* – *vacê(s)* – *você(s)*. Nessa passagem, a forma foi gradualmente sofrendo erosão fonética. Em alguns lugares do Brasil, a redução se encontra ainda mais acentuada, como em – *ocê(s)* – *cê(s)*. (COELHO et al., 2021, p.155)

Para fins ilustrativos, apresentamos a seguir o Quadro 3 proposto por Coelho et al. (2021) que descreve de forma detalhada algumas mudanças no paradigma pronominal do português atual, observemos:

**Quadro 3** - Paradigmas pronominais em uso em Coelho et al. (2021)

PRONOMES PESSOAIS		PRONOMES OBLÍQUOS (RETOS E TÔNICOS)	PRONOMES POSSESSIVOS
P1	EU	ME, MIM, COMIGO	MEU(S), MINHA(S)
P2	TU~VOCÊ	TE, TI, CONTIGO, O, A, LHE, SE, DE VOCÊ, COM VOCÊ	TEU(S), TUA(S), SEU(S), SUA(S), DE VOCÊ
P3	ELE(A)	O, A, LHE, SE, SI, CONSIGO, DELE (A), COM ELE (A)	SEU(S), SUA(S), DELE, DELA
P4	NÓS~A GENTE	NOS, CONOSCO, COM NÓS, SE, DA GENTE, COM A GENTE	NOSSO(S), NOSSA(S), DA GENTE
P5	VOCÊS	OS, AS, LHES, SE, DE VOCÊS, COM VOCÊS	SEU(S), SUA(S), DE VOCÊS
P6	ELES (AS)	OS, AS, LHES, SE, SI, CONSIGO, DELES (AS), COM ELES (AS)	SEU(S), SUA(S), DELES, DELAS

Fonte: Coelho et al. (2021, p. 158)

Em vista do Quadro, é possível verificar a inserção em P2 e P5 das formas pronominais *você* e *vocês* e em P4 a forma *a gente*. Essas formas pronominais causaram algumas mudanças na língua. Vejamos:

Na realização do possessivo, as formas “seu(s)”, “sua(s)” (originalmente de P3 e de P6) assumem também a função de P2 e P5 e a forma possessiva de P3 e de P6 passa a ser, quase categoricamente, a forma genitiva (“dele(s)”, “dela(s)”); Na realização do oblíquo, os pronomes acusativos de P3 e P6 “o(s)” e “a(s)” assumem também a função de P2 e P5; os retos dativos “lhe(s)” migram para P2 e P5, assumindo função principalmente de acusativo; e o dativo ganha forma de sintagma preposicionado, como em “de vocês(s)”, “da gente”; na realização do reflexivo, o pronome “se”

segue tanto a forma “você” (“você **se** espelha”) como a forma “a <sup>1</sup> gente” (“a gente **se** espelha”), mas ainda é bastante frequente nas formas originais de P3 (“ele **se** espelha”) e de P6 (“eles **se** espelham”). Esse uso do “se” está bastante generalizado na língua. Como se fosse um coringa, ele acompanha as demais pessoas do discurso também: “eu **se** espelho”, “tu **se** espelha(s)”, “nós **se** espelhamo(s)” (COELHO et al., 2021, p. 158-159).

Além disso, é possível também destacar as mudanças ocorridas no paradigma de flexão verbal em relação à segunda pessoa. Vários trabalhos apontam essa tendência em diferentes regiões do Brasil, como é o caso de Martins (2010), Nogueira (2021), Alves (2012), Modesto (2006) e Loregian-Penkak (2004). Sobre isso, Menon (1995, p. 96) aponta que:

Com a introdução de uma nova forma para as segundas pessoas, o paradigma verbal também sofreu modificações. Isso é o resultado da contínua (im)perfeição do sistema linguístico: uma modificação em alguma parte do sistema sempre acarreta modificações em outra(s) parte(s).

Essas modificações decorridas pela variação/mudança da língua, conforme menciona Menon (1995), modificou o paradigma verbal do português atual. Considerando esses esclarecimentos, ilustramos esses apontamentos por meio do Quadro 4 proposto por Coelho et al. (2021):

**Quadro 4 - Reestruturação do Paradigma verbal**

	<b>Paradigma 1</b>	<b>Paradigma 2</b>
P1	eu ando/escrevo/vou	eu ando/escrevo/vou
P2	tu andas/escreves/vais	tu anda(s)escreve(s)vai(s) – você anda/escreve/vai
P3	ele(a) anda/escreve/vai	ele(a) anda/escreve/vai
P4	nós andamos/escrevemos/vamos	nós anda(m)/escreve(m)/vai(m) – a gente anda(m)escreve(m)/vai(m)
P5	vós andais/escreveis/ides	vocês anda(m)/escreve(m)/vai(ão)
P6	eles(as)andam/escrevem/vão	eles anda(m)/escreve(m)/vai(vão)

**Fonte:** Coelho et al. (2021, p. 156)

O Quadro apresentado por Coelho et al. (2021) mostra do lado esquerdo o paradigma 1 que descreve “a norma-padrão lusitana do século XIX, correspondente ao paradigma flexional do verbo regular no tempo presente de primeira, segunda e terceira conjugação”

(COELHO et al., 2021, p. 156). Posteriormente, do lado direito está o paradigma 2, que ilustra as variedades usadas no português atual.

Ao observarmos o Quadro 3, identificamos que no paradigma 2, o pronome *tu* pode estabelecer concordância canônica ou não, enquanto o pronome *você* faz concordância em terceira pessoa. Diante disso, Coelho et al. (2021, p. 157) explicam que:

A entrada dos pronomes ‘você’ e ‘vocês’ em P2 e P5, respectivamente, na maioria das regiões brasileiras, desencadeou uma mudança no paradigma de flexão verbal correspondente, que começou a contar com formas homônimas entre P2 e P3: ‘você anda’/’ele(a) anda’ e entre P5 e P6: ‘Vocês andam’/’eles(as) andam’.

Pode-se dizer que em algumas regiões brasileiras, os falantes ainda mantêm a concordância canônica com o *tu*. É possível conferir no estudo de Nogueira (2021, p. 205), o mapeamento de Scherre et al. (2015) realizado em grande parte do Brasil sobre a variação pronominal *tu/você*. De acordo com Nogueira (2021), o estudo da referida autora analisou 60 amostras de falas das regiões brasileiras, correspondendo aproximadamente 29 mil dados. Para fins explicativos, projeta-se a distribuição:

**Figura 13** - Subsistemas dos pronomes de segunda pessoa *você/tu* no português brasileiro



**Fonte:** Scherre et al. (2005, p. 142 apud NOGUEIRA 2021, p. 205)

Além de o estudo mostrar a alternância pronominal de *você/tu* no Brasil, Scherre et al. (2005) citado por Nogueira (2021) exhibe resultados estatísticos sobre a concordância verbal de segunda pessoa por região do país, conforme mostra a Figura 13. Na região Norte,

especificamente no Amazonas, é possível observar que a concordância é baixa ( $tu < 10\%$ ), por outro lado, na mesma região, o estado do Pará aparece com concordância alta.

Assim, realizadas essas considerações acerca dos pronomes de segunda pessoa no português brasileiro, continuo navegando em minha canoa para pescar estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil.

### 2.3 Pescando estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil

Os estudos sobre variação pronominal tem sido objeto de vários trabalhos no Brasil, cujas pesquisas são realizadas à luz de variadas perspectivas teóricas no seio da Linguística. Nesta seção, apresenta-se um levantamento de estudos linguísticos sobre variação pronominal que foram desenvolvidos nas cinco regiões brasileiras. Ressalta-se que exposição desta natureza também foi vista nos trabalhos de Martins (2010), Costa (2013), Guimarães (2014), Silva (2017), Divino (2020) e Nogueira (2021).

Embora haja uma vasta literatura que trate sobre a alternância dos pronomes de segunda pessoa *tu* e *você* no Brasil (ver Quadro 5), fez-se um recorte de alguns trabalhos que levem em consideração fatores linguísticos que são considerados nesta pesquisa, como por exemplo: a frequência da alternância dos pronomes *tu* e *você*, a referencialidade (genérica e específica) e comportamento sintático (concordância com o *tu*).

**Quadro 5** - Estudos sobre a variação pronominal *tu/você* realizados no Brasil

REGIÃO	ESTUDOS LINGUÍSTICOS
Norte	Soares e Leal (1993), Martins (2010), Babilônia e Martins (2011), Costa (2013) e Nogueira (2021).
Nordeste	Herênio (2006), Sousa (2008), Teixeira (2008), Deus (2009), Alves (2010), Carvalho (2010b), Carneiro (2011), Alves (2012), Moura (2013), Nogueira (2013), Teixeira (2013), Guimarães (2014), Guimarães (2019), Oliveira (2014), Santana (2014), Souza e Oliveira (2014), Rocha e Sousa (2015), Rocha, Sousa e Silva (2015), Sousa (2016), Rocha (2017), Vitória (2018), Silva (2019), Divino (2020)
Centro-Oeste	Dias (2007), Andrade (2010), Scherre et al. (2011).
Sudeste	Ramos (1997), Coelho (1999), Modesto (2006), Peres (2006), Peres (2007), Gonçalves (2008), Machado (2008), Mota (2008), Lopes et al. (2009), Barbosa (2010), Calmon (2010), Santos (2010), Coelho (2011), Gonçalves (2011), Lopes e Cavalcante (2011), Lopes e Souza (2012), Pereira (2012), Santos (2012), Calmon (2013), Gonçalves e Coelho (2013), Mota (2013), Silva (2017).

<b>Sul</b>	Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004), Coelho e Görski (2011), Franceschini (2011), Loregian-Penkal (2012), Loregian-Penkal e Menon (2012), Pacheco (2014), Franceschini e Loregian-Penkal (2015), Franceschini (2015).
------------	---

**Fonte:** Elaborado pelo autor

### 2.3.1 Região Norte

Inicialmente, começaremos nossa pesca de trabalhos sobre a alternância dos pronomes de segunda pessoa pela região Norte. Sendo assim, guiamos nossa canoa em direção do estudo de Martins (2010), que tem como objetivo analisar a alternância *tu/você/senhora* na cidade de Tefé-Amazonas. Segundo o autor, o *corpus* foi constituído por 30 informantes (15 homens e 15 mulheres), de três faixas etárias (7 a 10 anos, 20 a 35 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (Fundamental e Superior). Os fatores sociais foram: grau de intimidade com o interlocutor, faixa etária, tipo de gravação e gênero do falante. Além disso, foram selecionados como fatores linguísticos: paralelismo e tipo de referência.

Os resultados da frequência das formas pronominais *tu/você* pode ser conferido na Tabela 1.

**Tabela 1 - Tu/você em Tefé-AM**

	<i>TU</i>	<i>VOCÊ/CÊ</i>	<i>TOTAL</i>
<b>N</b>	520	286	806
<b>%</b>	64,5	35,5	100%

**Fonte:** Martins (2010, p.53)

Os dados mostraram que tanto o *você*, quanto o *tu* estão presentes na fala dos tefeenses, em aspectos de porcentagem entre essas duas formas pronominais, podemos destacar que o *tu* (64,5%), ao passo que o *você* (35,5%). Os resultados evidenciam que as duas variantes fazem parte do falar tefeense, embora o *tu* apareça com mais frequência. Além disso, outro fator linguístico analisado no trabalho de Martins (2010), foi o tipo de referência:

**Tabela 2** - Uso do *tu* pelo tipo de referência

<i>Tipo de Referência</i>	<i>Frequência do tu</i>		<i>Peso relativo</i>
	N	%	
<i>Específica</i>	334/447	74,7	0,55
<i>Genérica</i>	186/359	51,8	0,43
<b>TOTAL</b>	520/806	64,5	

Fonte: Martins (2010, p. 79)

É possível conferir que o *tu* (74,7%) é mais usado como referência específica. De acordo com Martins (2010, p. 80): “A referência genérica favorece o pronome *você* da mesma forma que a específica favorece o *tu*”. Além desses resultados, o autor também destaca que os dados mostraram que a concordância canônica com o *tu* (3,7%) é muito baixa na cidade de Tefé (AM).

Ainda navegando na região Norte, apresenta-se o trabalho de Costa (2013) que investiga a variação dos pronomes *tu* e *você* no português falado em seis capitais da região Norte do Brasil, a saber: Belém (PA), Rio Branco (AC) Boa Vista (RR), Macapá (AP), Manaus (AM) e Porto Velho (RO). Os dados apresentados pertencem ao projeto ALiB e foram coletados entre os anos de 2004 e 2005.

O *corpus* é composto por dados da fala de 48 informantes (8 informantes de cada Capital). Foram considerados como variáveis sociais: localidade (Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco) faixa etária (15 a 30 e 40 a 65 anos), gênero (Masculino e Feminino) e escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Superior). As variáveis linguísticas foram: concordância verbal, explicitação do pronome, modo verbal e tempo verbal.

De acordo com a análise dos dados, a distribuição de alternância pronominal de *tu* e *você* nas capitais investigadas é apresentada da seguinte forma:

**Tabela 3** - Ocorrências com o *tu* em todas as localidades

Fatores	Aplic./total	%	P.R. <i>Input 0.59</i>
Belém	97/137	69,3	0.61
Boa Vista	56/116	48,3	0.39
Macapá	28/59	47,5	0.38
Manaus	124/181	68,5	0.60

Porto Velho	33/89	37,1	0.29
Rio Branco	95/145	65,5	0.56
Total	431/727	46,9	

Fonte: Costa (2013, p. 68)

A partir dos resultados expostos na Tabela 3, Costa (2013, p. 68-69) destaca que:

Em relação à alternância dos pronomes “tu”/”você”, que os pesos relativos apontam o favorecimento do pronome “tu” em três das seis capitais pesquisadas: Belém, que apresenta a maior probabilidade para a aplicação de “tu” (0.61), seguida de Manaus (0.60) e Rio Branco (0.56). As capitais Boa Vista (0.39), Macapá (0.38) e Porto Velho (0.29) desfavorecem o uso desse pronome, sendo o pronome “você” favorecido pelos falantes dessas cidades. Porto Velho é a cidade com menor probabilidade de uso do pronome “tu”.

Em vista disso, é possível dizer que os falantes de três capitais da região Norte (Belém, Manaus e Rio Branco) utilizam o pronome *tu* com mais frequência, enquanto nas demais (Boa Vista, Macapá e Porto Velho) os entrevistados utilizam o pronome *você*. Para mais, Costa (2013) apresenta também os resultados referentes à concordância verbal com o *tu*, conforme tabela abaixo:

**Tabela 4 - Localidade x Concordância verbal**

Fatores	Aplic./total Concordância 2ª pessoa	% Concordância 2ª pessoa	P.R. <i>Input 0.59</i>
Belém	56/97	57,7	0.59
Boa Vista	47/62	75,8	0.62
Macapá	17/24	70,8	0.55
Manaus	103/128	80,5	0.68
Porto Velho	12/22	54,5	0.62
Rio Branco	44/98	44,9	0.29
Total	279/431	64,8	

Fonte: Costa (2013, p. 80)

Com vistas a explicar essa distribuição, trazemos a análise realizada por Costa (2013, p. 80-81):

**Belém**, com 56 das 97 ocorrências, apresenta 0.59 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome tu com a flexão canônica de segunda pessoa. **Boa Vista**, com 47 das 62 ocorrências, aparece com 0.62 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. **Macapá**, com 17 das 24 ocorrências, apresenta 0.55 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. **Manaus**, com 103 das 128 ocorrências, apresenta 0.68 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. **Porto Velho**, com 12 das 22 ocorrências, aparece com 0.62 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. **Rio Branco**, com 44 das 98 ocorrências, tem peso relativo de 0.29, desfavorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. Portanto, Manaus é a localidade onde há maior probabilidade de o pronome “tu” concordar com a segunda pessoa do singular, enquanto Rio Branco é a capital com menor probabilidade de esse pronome ser usado com essa concordância.

Diante dos dados projetados por Costa (2013), vimos que a cidade de Manaus (AM) é apontada como a localidade em que há maior probabilidade de concordância canônica com o *tu*, comparada com as demais localidades do estudo. Enquanto a capital da região com menor flexão canônica de segunda pessoa é Rio Branco (AC).

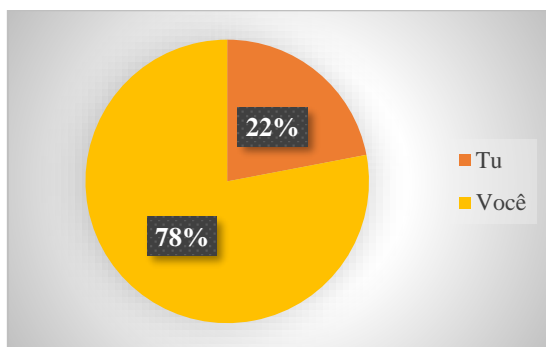
Antes de prosseguirmos nossa viagem em direção a outra região do Brasil, apresentamos o trabalho de Nogueira (2021) que estuda a variação das formas pronominais *tu* e *você* na função de sujeito no português oral da região Norte do Brasil. O objetivo geral da pesquisa é, a partir dos estudos já realizados sobre a variação *tu/você*, analisar os fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação desses pronomes no português falado na região Norte. Os estados analisados na pesquisa foram: Amapá, Roraima, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia e Tocantins.

O *corpus* apresentado corresponde aos dados obtidos pelo Projeto ALiB na região Norte que dispõe de 24 pontos. Foram transcritos, a partir da audição, inqueritos de 120 informantes da região Norte. Foram consideradas como variáveis sociais: localidade, sexo, faixa etária (faixa I: 18 a 30 anos e faixa II: 50 a 65 anos) e escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Universitário). Além disso, a autora considerou as seguintes variáveis linguísticas: tipo de referência, tipo de questionário, tempo verbal e paralelismo.

Sobre a distribuição de frequência da alternância pronominal de *você/tu*, Nogueira apresenta o Gráfico 1.



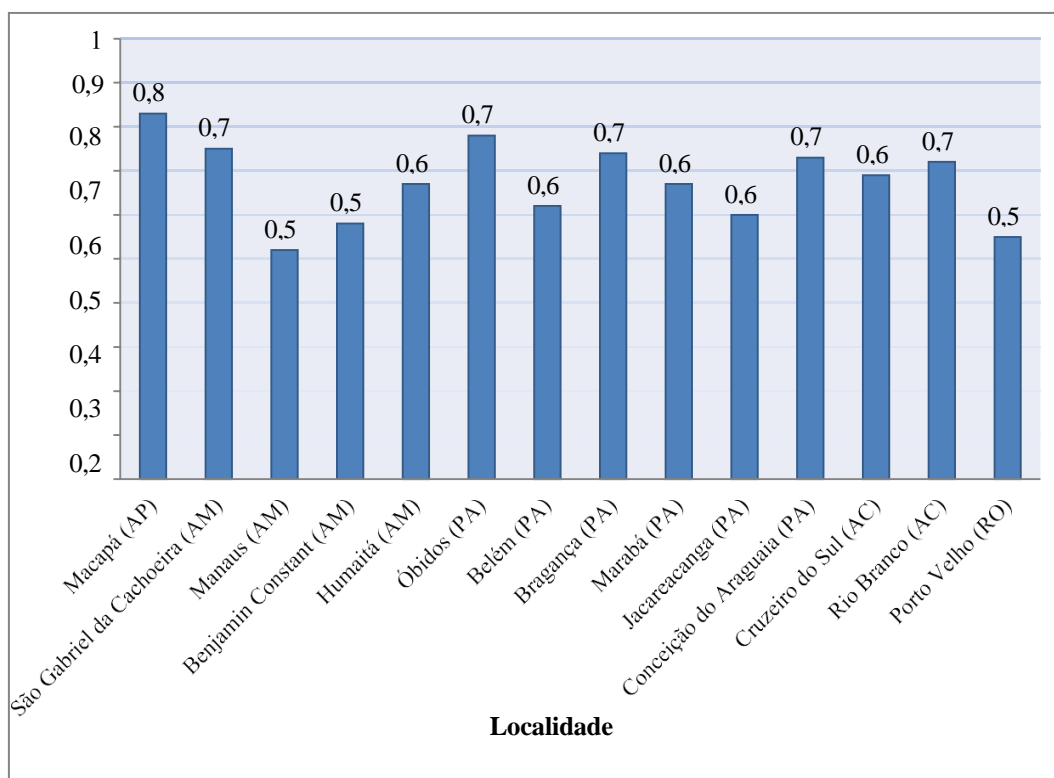
**Gráfico 1** - Totais de referências à segunda pessoa considerados na análise tu/você



Fonte: Nogueira (2021, p. 162)

De forma geral, o pronome *você* (78%) apresenta comportamento expressivo no que diz respeito à usabilidade dos falantes nortistas em comparação ao *tu* (22%). Com vistas a explicar melhor essa distribuição, Nogueira (2021) expõe dados referentes a algumas localidades em que os falantes mostram preferência pela forma pronominal *tu*. Vejamos o Gráfico 2:

**Gráfico 2** - Cidades da região Norte que favorecem o uso do pronome tu: dados do Projeto AliB



Fonte: Nogueira (2021, p. 167)

Com base no Gráfico 2, percebemos que o uso do pronome *tu* é evidente em 14 localidades onde foram coletados os dados. Para Nogueira (2021, p. 166):

percebe-se que a cidade de Macapá, no Amapá, apresenta o peso relativo mais expressivo com relação ao uso do pronome *tu*. Além disso, outras 13, das 23 localidades consideradas, também apresentam pesos favoráveis. Esses resultados demonstram que o pronome *tu* é favorecido por localidades de cinco estados (Amapá, Amazonas, Pará, Acre e Rondônia) e desfavorecido em dois (Roraima e Tocantins).

Com base na análise de Nogueira (2021), a partir do gráfico 2, a cidade de Humaitá (AM) é uma das localidades em que houve favorecimento do uso do pronome *tu*. Isso nos ajuda a compreender nossos dados linguísticos que serão analisados no capítulo de análise dos dados, uma vez que a comunidade ribeirinha em análise em nosso trabalho faz parte do município de Humaitá (AM), conforme explicitado no Capítulo 1 desta dissertação.

Além disso, no trabalho de Nogueira (2021), a variável linguística tipo de referência apresentou resultados parecidos com os de Martins (2010), apresentado acima, em que a referência específica é favorecida pelo pronome *tu*. Observemos a tabela apresentada pela autora:

**Tabela 5** - Tipo de referência sobre o pronome *tu*

REFERÊNCIA	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Específica	422/1406	30	<b>0,66</b>
Genérica	124/869	14,3	0,24

Fonte: Nogueira (2021, p. 180)

É possível verificar que o pronome *tu* favorece a referência específica, ao passo que o *você* é de referência genérica pelos falantes nortistas. Ademais, Nogueira (2021) também mostra resultados referentes ao sistema de concordância de segunda pessoa a partir do projeto ALiB. Em relação ao Amazonas, a autora comenta que: “Os dados do ALiB revelaram que o estado do Amazonas apresenta o subsistema ***você/tu sem concordância***. Apenas Manaus e Humaitá, localizadas mais ao leste do estado, apresentaram dados de *tu* com concordância, mas com percentuais bem baixos, 5,4% e 2,2%”. (NOGUEIRA, 2021, p. 207).

No que diz respeito à concordância, é possível dizer que os dados do trabalho de Nogueira (2021) são parecidos com os de Martins (2010), uma vez que na cidade de Tefé, que também faz parte do Amazonas, Martins (2010) aponta resultados baixos sobre

concordância canônica de segunda pessoa. No entanto, no trabalho de Costa (2013), desenvolvido na região Norte, os dados mostraram que há uma probabilidade alta do pronome *tu* estabelecer a concordância canônica de segunda pessoa, em vista de outras localidades analisadas pelo autor.

### 2.3.2 Nordeste

Depois de pescarmos alguns trabalhos sobre alternância pronominal *tu/você* desenvolvidos na região Norte, viramos a proa de nossa canoa em direção à região Nordeste. No decorrer de nossa pescaria na região Nordeste, encontramos o trabalho de Herênio (2006) que apresenta como objetivo investigar a existência de variação nos pronomes pessoais do caso reto, singular, *tu* e *você* no Português Brasileiro falado contemporâneo.

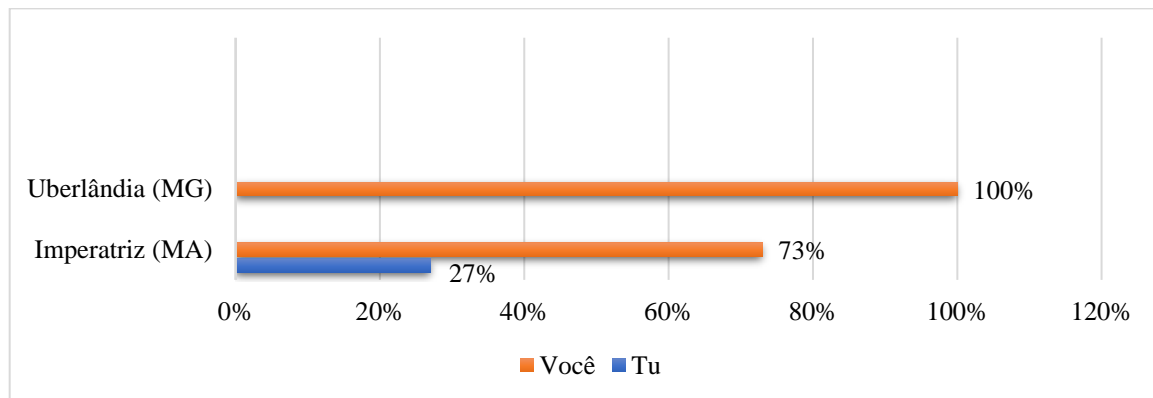
O *corpus* foi construído a partir de duas cidades, a saber: Uberlândia (MG) e Imperatriz (MA). A hipótese geral da autora foi de que o pronome *tu* ocorre com muita frequência em Imperatriz, ao passo que não ocorre em Uberlândia. A autora explica que a escolha por essas duas regiões ocorreu pela necessidade de investigar, em termos comparativos, uma região em que a forma *você* é categórica (Uberlândia) e outra região em que há variação entre as formas *você* e *tu* (Imperatriz), a fim de contemplar, de forma geral, duas realidades linguísticas no território brasileiro.

A amostra foi constituída por 43 entrevistas realizadas em Uberlândia (MG) e 43 entrevistas em Imperatriz (MA), perfazendo um total de 86 entrevistas, considerando as faixas etárias de 20 a 30 anos, 31 a 45 anos e acima de 45 anos. Para a análise dos dados, a autora considerou grupo de fatores, a saber: Termo co-referente de segunda pessoa do singular, Paradigma Número-Pessoal do Verbo, Classe Social, Faixa Etária e Região Geográfica.

Em aspectos de relevância, selecionou-se o trabalho de Herênio (2006) por acreditar que os resultados relacionados à frequência das variantes *tu/você* e o fator linguístico Número-Pessoal do verbo poderão ser comparados com os dados do nosso trabalho.

No que diz respeito à alternância pronominal de *tu/você*, vejamos os dados de Herênio (2006):

**Gráfico 3 - Região geográfica x Variável dependente**



**Fonte:** Herênio (2006, p. 69)

Os dados do gráfico revelam que os falantes da cidade de Imperatriz fazem uso das duas variantes, sendo que a forma pronominal *você* (73%) é mais frequente, comparado ao *tu* (27%). Já em relação aos informantes de Uberlândia, não utilizam a forma *tu* em sua fala, uma vez que os resultados apontaram que, em 100% das sentenças analisadas, a forma *você* tem prevalência.

De um modo geral, Herênio (2006, p. 76) aponta que em relação ao pronome *você* “é empregado em 100% de frequência com o verbo na terceira pessoa do singular. O pronome ‘tu’ apresenta a frequência de 7,7% para o verbo flexionado na segunda pessoa e emprega em 92,3% das ocorrências, o verbo na terceira pessoa do singular”.

Ademais, ainda na região Nordeste, selecionou-se o estudo de Alves (2012), que propõe como objetivo fazer uma “fotografia sociolinguística” do português falado no Maranhão no que concerne ao uso de *tu* e de *você*. Foram analisadas 28 entrevistas (banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – AliMA) de participantes do sexo masculino e feminino de duas faixas etárias (18-30 anos) e (50-65 anos) nos municípios de São Luís e Pinheiro (Mesorregião Norte), Bacabal e Tuntum (Mesorregião Centro) e Alto Parnaíba e Balsas (Mesorregião Sul).

As variáveis linguísticas foram: a concordância, tipo de referência, tipo de relato. Em aspectos de frequência da utilização pronominal de *tu* e *você*, é possível visualizar as ocorrências por meio da Tabela 6.

**Tabela 6** - Ocorrências das formas *tu* e *você/ocê/cê* na amostra geral

TU	VOCÊ/OCÊ/CÊ	TOTAL
38,4%	61,6%	100%
126	202	328

**Fonte:** Alves (2012, p. 66)

É possível verificar que o *você* é a forma mais usual dos falantes maranhenses representando 61,6% dos dados analisados, ao passo que o *tu* também faz parte do falar maranhense com 38,4%. Destaca-se que resultados parecidos são apresentados por Herênio (2006), em que os dados mostraram que o pronome *você* é predominante em comparação ao *tu*.

No que se refere ao tipo de referência, os dados mostraram que a referência específica favorece o *você*, o que contraria a hipótese inicial de Herênio (2006) de que a referência específica favorecesse o *tu*. A Tabela 7 descreve os resultados:

**Tabela 7** - Ocorrências das formas de *tu* e *você, ocê, cê* de acordo com o tipo de referência

TIPO DE REFERÊNCIA	TU		VOCÊ/OCÊ/CÊ	
	N	%	N	%
Específico	100/232	43,1	132/232	56,9
Genérico	26/96	27,1	70/96	72,9
Total	126/328	38,4	202/328	61,6

**Fonte:** Alves (2012, p. 100)

A Tabela 7 mostra que, das 232 ocorrências, 132 são do pronome *você*, enquanto o *tu* também aparece nos dados em menor expressividade. Além disso, os dados também revelaram que das 126 ocorrências de *tu*, a concordância ocorreu em apenas 14 sentenças analisadas, sendo 13 de falantes de São Luís e 1 da cidade de Pinheiro. A título de ilustração, apresenta-se a Tabela 8.

**Tabela 8** - Ocorrências de *tu* de acordo com a concordância nas localidades

LOCALIDADE	CONCORDÂNCIA		NÃO CONCORDÂNCIA	
	N	%	N	%
São Luís	13/45	28,9	32/45	71,1
Pinheiro	1/31	3,2	30/31	96,8
Bacabal	0/13	0,0	13/13	100
Tuntum	0/15	0,0	15/15	100
Balsas	0/17	0,0	17/17	100
Alto Parnaíba	0/5	0,0	5/5	100
Total	14/126	11,1	112/126	89,9

**Fonte:** Alves (2012, p. 103)

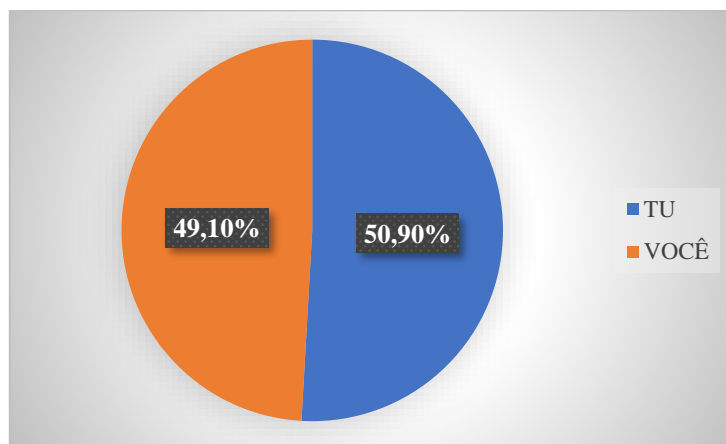
Para mais, interpreta-se que a concordância canônica de segunda pessoa em Alves (2012) é considerada baixa. Além disso, pois apenas falantes de São Luís e Pinheiro apresentaram esse tipo de concordância.

Navegando em direção ao fim de nossa pescaria na região Nordeste, apresentamos o trabalho de Guimarães (2014) que analisa as formas de tratamento pronominais *tu*, *você*, *cê* e *o(a)senhor(a)* e as formas de tratamento nominais *macho*, *rapaz*, *mulher*, *minha filha*, *cara* e *meu amigo* no falar popular de Fortaleza (CE). No recorte que faremos desse trabalho, apresentaremos apenas os resultados referentes às formas pronominais *tu/você*, por ser o mesmo objeto de nosso estudo.

Segundo a autora, foram selecionados 53 informantes do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) do gênero masculino e feminino, de 3 faixas etárias (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; a partir dos 50 anos) e de tempo de escolaridade (0 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos).

De acordo com Guimarães (2014), os resultados sobre frequência das formas pronominais *tu/você* entre os fortalezenses mostraram que não há favorecimento de um pronome em comparação ao outro, pois tanto o *tu* quanto o *você* aparecem com porcentagens parecidas. Em aspectos ilustrativos, vejamos o Gráfico 4:

**Gráfico 4** - Percentuais das variantes *tu/você*



Fonte: Guimarães (2014, p. 135)

A leitura do gráfico nos mostra que os resultados de usabilidade das formas pronominais *tu/você* são próximas. A autora mostra que foram 1.555 ocorrências analisadas entre *tu* e *você*. O *tu* aparece em 792/1.555 e o *você* em 763/1.555. Outra variável considerada no trabalho de Guimarães (2014) foi a entonação que diz respeito tanto às frases interrogativas quanto às declarativas e/ou exclamativas. Para explicar como essa variável se comporta nos dados, a autora apresenta a seguinte tabela:

**Tabela 9** - Atuação da entonação sobre o pronome *tu*

	Aplica/Total	%	P.R.
Interrogativa	269/354	76	0,701
Declarativa/ exclamativa	523/1.201	43,5	0,438

Fonte: Guimarães (2014, p. 136)

Os dados revelam que as frases interrogativas (76%) favorecem significativamente o uso do *tu*, enquanto as frases declarativas ou exclamativas (43,5%) representam menor frequência de ocorrências do *tu*. Esses resultados podem nos auxiliar em nossa análise, futuramente, por isso, apresentamos nesse recorte.

Além disso, a outra variável analisada, que também é considerada em nosso estudo, foi o tipo de referente (genérico ou específico). Para exemplificar os dados a autora propõe a Tabela 10:

**Tabela 10** - Atuação do tipo de referente sobre o pronome *tu*

	<b>Aplica/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>Específico</b>	785/1.472	53,3	0,529
<b>Genérico</b>	7/83	8,4	0,110

Fonte: Guimarães (2014, p. 167)

Diante da tabela acima, é possível ver que o pronome *tu* é favorecido quando é usado na forma específica (53,3%), ao passo que na forma genérica (8,4%) é amplamente desfavorecido. Segundo Guimarães (2014, p. 167), “o referente específico é o que mais favorece o uso do *tu*. O uso desse pronome como genérico foge um pouco dos padrões do falar de nossos informantes, tanto que só foram encontradas sete ocorrências para o uso genérico, sendo que o mesmo informante repetiu esse uso seis vezes”.

Em aspectos comparativos, podemos dizer que os dados de Guimarães (2014) e Herênio (2006) apresentam disparidade em relação aos resultados, uma vez que nas duas localidades pesquisadas por Herênio (2006) há predominância significativa de uso do *você* pelos falantes. Além disso, em termos de referencialidade, o *você* é marcado com valor genérico.

Em Guimarães (2014), houve frequência próxima em relação à usabilidade do *tu* e *você*, mas em aspectos de porcentagem o *tu* apareceu com frequência maior. Para mais, a referencialidade é marcada pela forma pronominal *tu*.

No que se segue, continuaremos nossa pesca de trabalhos em outra região do país, sendo assim, o próximo porto que amarraremos nossa canoa é a região Centro-oeste.

### 2.3.3 Região Centro-Oeste

Na região Centro-oeste, destaca-se o trabalho de Dias (2007), que analisa a variação *tu/você* entre falantes brasileiros. Foram selecionados como fatores sociais: faixas etárias (13 a 19 anos; 20 a 29 anos e mais de 30 anos), sexo (masculino e feminino), estilo de vida do falante (alternativo ou conservador), relacionamento com o interlocutor (amigo íntimo; familiar; amigo/colega; conhecido ou desconhecido), faixa etária do interlocutor (mais novo, mesma faixa etária ou mais velho), lugar em que ocorreu o diálogo (casa do informante; casa de amigos; trabalho do informante ou lugar próprio). Em relação aos fatores linguísticos, a autora considerou o tipo de fala, tipo de referência (genérica ou



específica), função sintática, forma verbal e tipo de relato.

Dias (2007) agrupou os dados das variantes *cê* e *você*, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 11** - Totais de referência à segunda pessoa

<i>TU</i>	<i>CÊ/VOCÊ</i>	TOTAL
12,8%	87,2%	100%
Nº 115	Nº 785	Nº 900

Fonte: Dias (2007, p. 64)

A Tabela 11 evidencia que, em aspectos de frequência, a forma pronominal *tu* (12,8%) é menos utilizada em comparação às formas *cê/você* (87,2) no falar dos brasilienses. No que diz respeito à referencialidade, Dias (2007, p. 89) diz que “a expectativa era de que este grupo de fatores fosse estatisticamente significativo para a seleção pronominal. Esperávamos que a referência genérica desfavorecesse o uso do *tu* e que a referência específica tivesse efeito neutro”. No entanto, a autora explica que não foi possível rodar esse grupo de fatores no programa, então foram rodadas as formas pronominais *tu* e *cê/você*. Os resultados pode ser vistos na Tabela 12, abaixo:

**Tabela 12** - Tipo de referência *tu* e *cê/você*

Tipo de referência	<i>TU</i>	<i>CÊ/VOCÊ</i>
Específica	14,8%	85,2%
Nº	109/737	628/737
Genérica	3,7%	96,3
Nº	6/163	157/163
TOTAL	12,8%	87,2%
	115/900	785/900

Fonte: Dias (2007, p. 89)

A partir da tabela, é possível conferir que a referência específica é marcada pelo uso do *cê/você* (85,2%), e a referencialidade genérica também marcada pela forma pronominal *cê/você*. Diante disso, observa-se que a forma pronominal *tu* apareceu com baixa frequência no fator de referencialidade.

Outro trabalho desenvolvido na região Centro-Oeste é o de Andrade (2010), que investiga a variação pronominal *você/cê/tu* em Brasília. Para a composição do *corpus*, a

autora explica que os dados analisados são de 24 meninas e 18 meninos (entre 7 a 15 anos) e uma menina de 5 anos, uma mulher de mais o menos 50 anos e um rapaz de 20 anos. Os dados foram colhidos em diferentes regiões de Brasília, a saber: Vila Planalto, Jardim Botânico, Lago do Sul, Asa Norte e Sudoeste.

Em relação às variáveis extralinguísticas, foram considerados o tipo de relação, a localidade, faixa etária, tipo de fala e origem dos pais. Já no que diz respeito às variáveis linguísticas, destacam-se a presença ou ausência do vocativo, entonação (Frases interrogativas e não interrogativas), polaridade da sentença (afirmativa e negativa), referencialidade (específica e genérica) e paralelismo formal.

Os dados mostraram de forma geral que a alternância das variantes *você/cê/tu*, comportam-se da seguinte forma:

**Tabela 13** - Variação *você/ cê/ tu* em Brasília

<i>Você</i>	<i>Cê</i>	<i>tu</i>
318/ 835 = 38,1%	229/ 835 = 27,4%	288/ 835 = 34,5%

Fonte: Andrade (2010, p.76)

Com base nos resultado da tabela, pode-se predizer que a forma pronominal mais utilizada é o *você* (38,1%). Se os dados das variantes *cê* e *você* fossem contabilizados juntos, como fez Dias (2007) em seu estudo, os resultados seriam de 65,5% para essas formas pronominais.

Além disso, para mostrar os resultados referentes ao tipo de referência, a autora esquematizou os dados da seguinte forma:

**Tabela 14** - Variação *você/cê/tu* em relação ao tipo de referência

Tipo de referência	<i>Você</i>	<i>Cê</i>	<i>Tu</i>
Específica	266/ 754 = 35,3%	205/ 754= 27,2%	283/ 754 = 37,5%
Genérica	52/ 81 = 64,2%	24/ 81 = 29,6%	5/ 81 = 6,2%
Totais	318/ 835 = 38,1%	229/ 835 = 27,4%	288/ 835 = 34,5%

Fonte: Andrade (2010, p. 105)

A tabela mostra a tendência clara de que o *tu* (37,5) é favorecido em referência específica, enquanto com valor genérico o *tu* (6,2%) é amplamente desfavorecido. Dadas essas observações, pode-se dizer que o *você* (64,2%) favorece a referência genérica e o *cê*

também mostra favorecimento pela referência genérica.

Sobre a entonação, a autora apresenta os seguintes resultados:

**Tabela 15** - Variação *você/cê/tu* em relação à entonação

Entonação	Você	Cê	Tu
Interrogativas	41/229 = 17,9%	81/229 = 35,4%	107/229 = 46,7%
Não interrogativas	277/605 = 45,8%	147/605 = 24,3%	181/605 = 29,9%
Total	318/834 = 38,1%	228/834 = 27,3%	288/834 = 34,5%

Fonte: Andrade (2010, p. 108)

Como ilustrado na tabela acima, as sentenças interrogativas favorecem o uso das formas pronominais *tu* (46,7%) e *cê* (35,4%), ao passo que nas sentenças não interrogativas, o favorecimento é da forma pronominal *você* (45,8%).

Para mais, é possível dizer que a referencialidade genérica em Brasília é marcada pelo favorecimento da forma pronominal *você*, conforme os estudos de Dias (2007) e Andrade (2010). Além disso, os referidos estudos mostraram que apesar de os falantes brasilienses utilizarem com maior frequência a forma pronominal *você*, o *tu* também faz parte de sua fala.

Assim, realizada as considerações na região Centro-Oeste, continuaremos nossa pescaria na região Sudeste do país.

#### 2.3.4 Região Sudeste

Ao continuar nossa busca por trabalhos sobre alternância pronominal de segunda pessoa, continuamos nossa pescaria na região Sudeste. O primeiro trabalho a ser apresentado é o de Modesto (2006), que analisa as formas de tratamento *tu* e *você* em Santos, cidade do litoral do estado de São Paulo.

A amostra foi constituída por 20 inquéritos (10 gravações ocultas e 10 gravações consentidas previamente). Foram consideradas como variáveis sociais: sexo (feminino e masculino), faixa etária (15 a 20 anos e 21 anos ou mais), escolaridade (ensino médio e superior) e as variáveis linguísticas: função sintática da forma de tratamento (subjativa ou objetiva), referenciação (direta, indireta e indeterminadas), monitoramento (gravações

secretas e não secretas), expressividade do ato comunicativo (maior e menor expressividade).

No recorte que fizemos do trabalho de Modesto (2006), apresentaremos dados referentes apenas sobre a alternância dos pronomes *tu/você* e sobre a referência dessas formas pronominais. Conforme já mencionamos, nosso intuito é mostrar dados sobre os mesmos aspectos linguísticos que analisaremos em nossa pesquisa, com a finalidade de apresentar a distribuição desses dados por região do país.

Segundo Modesto (2006), os dados mostraram que a alternância pronominal de *tu/você* está dividida da seguinte forma em Santos – SP, vejamos a Tabela 16:

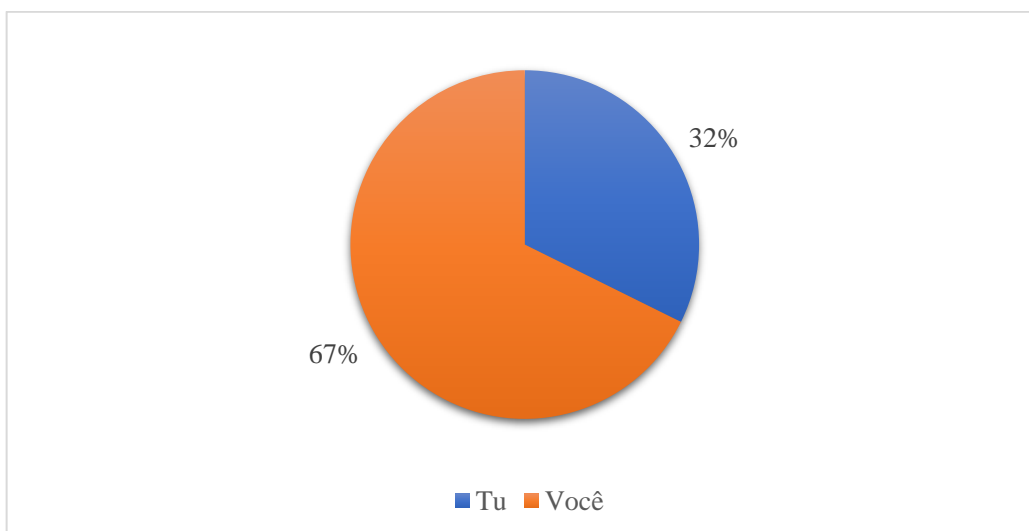
**Tabela 16** - Frequência, valores absolutos, das formas de tratamento em Santos

Pronomes	Quantidade
<i>Você</i>	476
<i>Tu</i>	232
Total	708

Fonte: Modesto (2006, p. 82)

O autor destaca que a preferência geral dos informante foi pela forma *você*, mesmo que o *tu* seja considerada uma marca linguística em Santos. Para visualização em termos de frequência, é apresentado o Gráfico 5, abaixo:

**Gráfico 5** - Frequência absoluta das formas de tratamento



Fonte: Modesto (2006, p. 83)

É possível verificar que em termos de frequência a forma mais utilizada em Santos é o *você* (67%), enquanto o *tu* (32%) aparece com menor uso entre os falantes. Além disso, os dados também mostraram que não é usada a forma verbal canônica de segunda pessoa com o pronome *tu*. Para exemplificar, vejamos o exemplo (1) retirado de Modesto (2006, p. 83):

- (1) sabe... (...)... se ***tu*** visse a palhaçada que eu fiz... eles riram... adoraram... e entenderam... mas eu tive que brincar com eles como eu brinco com a minha sétima série...

Em relação à referenciação, o autor conceitua como direta, indeterminada e indireta. Em aspectos ilustrativos, vejamos a Tabela 17:

**Tabela 17** - Frequência e pesos relativos do uso de tu e você em função de referenciação

TU	Freqüência	Peso Relativo
Direta	154/363=42%	0,61
Indireta	39/118=33%	0,47
Indeterminada	39/227=17%	0,32
VOCÊ		
Direta	209/363=57%	0,37
Indireta	79/118=66%	0,52
Indeterminada	188/227=82%	0,67

**Fonte:** Modesto (2006, p. 97)

Sobre isso, Modesto (2006, p. 97) destaca que: “A referência direta favorece, portanto o uso de *tu* em contextos de relações simétricas, como os apresentados nesta pesquisa. A referenciação direta em relação à forma *você*, do contrário, desfavorece a aplicação desta, com peso relativo de 0,37”. De todo modo, é possível dizer que a referencialidade indireta e indeterminada são de uso da forma *você*, quanto a direta é favorecida pelo *tu*.

Antes de irmos em direção a outra região do país, destacamos o último trabalho da região Sudeste. Desta forma, apresenta-se o trabalho de Silva (2017), que tem como objetivo geral analisar a variação *tu/você* no município de Ressaquinha-MG. Foram analisadas 24 entrevistas de 12 falantes do sexo masculino (6 da zona urbana e 6 da zona rural), 12 falantes

do sexo feminino (6 da zona urbana e 6 da zona rural), de três faixas etárias: 1ª geração (20 a 35 anos); 2ª geração (36 a 50 anos) e 3ª geração (51 anos ou mais).

Os fatores linguísticos considerados como relevantes no estudo foram: tipo de referência (específica e genérica), tipo de discurso (direto e relatado), contexto sintático (sujeito, complemento com preposição e complemento sem preposição) e contexto frasal (afirmativa, interrogativa e negativa). Além disso, os fatores sociais foram: sexo, área geográfica e faixa etária.

A análise dos dados mostrou que, das 579 ocorrências das formas pronominais de segunda pessoa do singular, 356 são de *você* (e suas variantes *ocê* e *cê*). Para melhor leitura desses dados, apresenta-se a Tabela 18:

**Tabela 18** - Distribuição da amostra

Variante	Nº	%
<i>Você</i>	356/579	61,5%
<i>Tu</i>	223/579	38,5%

Fonte: Silva (2017, p. 76)

Diante dos resultados, a autora constatou que a forma mais usual pelos falantes ressaquienses é o pronome *você* (61,5%), ao passo que o pronome *tu* aparece com 38,5%. No que diz respeito ao contexto frasal, os dados mostraram os seguintes resultados:

**Tabela 19** - Frequência do contexto frasal na amostra

Contexto Frasal	<i>Tu</i>	%	<i>Você</i>	%
Afirmativa	171/453	37,7	282/453	62,3
Negativa	20/66	30,3	46/66	69,7
Interrogativa	32/58	53,3	28/58	46,7

Fonte: Silva (2017, p. 81)

A título de explicação, Silva (2017) descreve que o pronome *tu* favorece os enunciados interrogativos (53,3%), ao passo que, nas frases afirmativas (37,7%) e negativas (30,3%), os resultados aparecem com valores menores. Já em relação à forma pronominal *você*, há o favorecimento nas frases negativas (69,7%), enquanto nas frases afirmativas (62,3%) e interrogativas (46,7%) apresentam menor uso.

Em relação ao tipo de referência, os dados mostraram que a referência específica favorece o uso do pronome *tu*, conforme tabela abaixo:

**Tabela 20** - A atuação do tipo de referência sobre o pronome *tu* (*tu* x *você*)

Tipo de Referência	Aplicação /Total	%	P.R.
Genérica	24/141	17,0	0.216
Específica	199/438	45,4	0.602

Fonte: Silva (2017, p. 83)

Em termos explicativos, verifica-se o favorecimento do *tu* (45,4%) quando a referência é específica. No entanto, quando se trata de referência genérica, o *tu* representa 17% dos das sentenças analisadas.

Contudo, a partir do recorte do trabalho de Silva (2017), foi possível perceber que a forma pronominal *você* é a mais usual pelos falantes resaquenses. Esses resultados corroboram com os resultados de Modesto (2006) e Mota (2008). Em vista disso, é provável que os falantes resaquinhenses utilizem o pronome *você* com maior frequência, em comparação ao *tu*.

Pode-se destacar também que, a referencialidade indireta no trabalho de Modesto (2006) aparece marcada pelo pronome *você*, enquanto no trabalho de Silva (2017) a referencialidade específica é favorecida pelo *tu*. Apesar de nomenclaturas diferentes, os fatores são considerados os mesmos.

### 2.3.5 Região Sul

Para finalizar nossa pesca de trabalhos sobre os pronomes *tu/você* nas regiões brasileiras, navegamos em direção ao Sul do Brasil. Destaca-se, na região Sul, o estudo de Loregian-Penkall (2004), que analisa a alternância pronominal *tu/você* no *corpus* VARSUL dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e, deste estado, analisa também informantes da localidade Ribeirão da Ilha (*corpus* BRESANCINI). O objetivo do trabalho é estudar como se dá a alternância pronominal *tu/você* na fala de informantes da Região Sul do Brasil. O estudo também faz uma (re)análise do trabalho de Loregian (1996), que se refere à concordância verbal com o pronome *tu* em Florianópolis - SC, Porto Alegre - RS e Ribeirão da Ilha - SC, às quais foram acrescentadas três cidades do interior de Santa Catarina – Chapecó, Blumenau e Lages – e três cidades do interior do Rio Grande do Sul – Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Foram analisadas 24 entrevistas de cada cidade de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e 11 do Ribeirão da ilha, totalizando 203 informantes, distribuídos em duas faixas etárias (25 a 49 anos; mais de 50 anos), três níveis de escolaridade (primário; ginásio; colegial) e sexo (masculino; feminino). No que diz respeito às variáveis linguísticas, o estudo considerou para a análise da alternância *tu/você* o tipo de interlocução, determinação do discurso, gênero de discurso, explicitação do pronome, alternância dos pronomes *tu/você* no mesmo período/turno e tempo verbal.

Para fins explicativos sobre a alternância dos pronomes *tu/você*, os dados mostraram os seguintes resultados apresentados por meio da tabela abaixo:

**Tabela 21** - Alternância *tu/você* por localidade

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
<b>Rodada geral com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (INPUT: 0,88)</b>			
Florianópolis	585/767	76%	0,32
Porto Alegre	764/819	93%	0,61
Ribeirão da Ilha	445/462	96%	0,78
Total	1794/2048	87%	
<b>Rodada geral com Flores da Cunha, Panambi e São Borja (INPUT: 0,89)</b>			
Panambi	395/467	84%	0,30
Flores da Cunha	654/784	83%	0,37
São Borja	663/701	94%	0,76
Total	1712/1952	89%	
<b>Rodada geral com Chapecó, Blumenau e Lages (INPUT: 0,27)</b>			
Lages	189/1225	15%	0,30
Blumenau	134/490	27%	0,61
Chapecó	261/519	51%	0,82
Total	584/2234	26%	

Fonte: Loregian-Penkal (2004, p. 133)

A tabela mostra que na rodada geral com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, o favorecimento do *tu* ocorre em Porto Alegre (93%) e Ribeirão da Ilha (96%), enquanto Florianópolis apresenta quantidade menor de ocorrências em relação ao uso do *tu* (76%). Diante dos dados, a autora explicita que, das três localidades apresentadas, Florianópolis aparece com maior peso relativo de *você*.

Na próxima rodada geral, aparecem as cidades do interior do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Das três cidades analisadas, São Borja aparece com usabilidade maior do pronome *tu* (94%), ao passo que Panambi (84%) e Flores da Cunha (83%) apresentam valores menores.



Na última rodada geral, os dados são das cidades do interior de Santa Catarina: Lages, Blumenal e Chapecó. O resultados apontaram que, ao comparar as três cidades, Chapecó (51%) e Blumenal (27%) apresentam favorecimento do uso do *tu*. Já a cidade de Lages (15%) desfavorece o uso desse pronome.

Em relação aos resultados referentes à concordância com o *tu*, a autora apresenta a Tabela 22 com a distribuição dos dados.

**Tabela 22** - Concordância com o *tu* por localidade

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
<b>Rodada geral com FLP, POA, RIB e as três cidades do interior do RS (INPUT: 0,18)</b>			
Flores da Cunha	14/654	2%	0,20
Panambi	12/395	3%	0,34
Porto Alegre	54/764	7%	0,35
São Borja	30/663	5%	0,36
Florianópolis	251/585	43%	0,85
Ribeirão da Ilha	268/445	60%	0,91
Total	629/3506	18%	
<b>Rodada geral com Chapecó, Blumenau e Lages (INPUT: 0,15)</b>			
Chapecó	2/261	0,8%	0,18
Lages	27/189	14%	0,74
Blumenau	51/134	38%	0,82
Total	80/584	13%	

Fonte: Loregian-Penkall (2004, p. 167)

De um modo geral, as localidades de Ribeirão da Ilha (60%) e Florianópolis (43%) aparecem com valores significativos de flexão canônica de segunda pessoa, enquanto Chapecó (0,8%) e Flores da Cunha (2%) foram as localidades com menor flexão canônica de segunda pessoa.

De acordo com Loregian-Penkall (2004, p. 226), “os falantes que possuem a concordância com o *tu* como regra variável têm duas possibilidades de uso: explicitar o pronome *tu*, com ausência de flexão canônica no verbo ou usar somente a flexão verbal canônica, sem a explicitação do *tu*”. A autora ainda sintetiza que, a tendência foi observada durante a análise em todas as localidades do estudo.

Ademais, realizamos apenas um recorte privilegiando somente os dados referentes à alternância pronominal *tu/você* e a concordância verbal, pois acreditamos que a interpretação desses resultados podem ajudar na análise dos nossos dados que são construídos em torno dos mesmo fatores linguísticos.

O outro trabalho a ser apresentado na região Sul é o de Franceschini (2011) que tem como objetivo descrever e analisar a variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no falar de Concórdia – SC. O *corpus* é formado por 24 entrevistas, coletadas entre os anos de 2007 e 2010 pela própria pesquisadora, e foram divididas em duas faixas etárias (26 a 45 anos; 50 anos ou mais); sexo (masculino; feminino) em três níveis de escolaridade (Fundamental I; Fundamental II; Ensino Médio).

Em relação aos resultados de frequência do uso das variantes *tu/você*, Franceschini (2011) apresenta os seguintes percentuais:

**Tabela 23** - Uso das Variantes *tu* x *você*

Variante	Ocorrência	%
<i>Tu</i>	512/926	55
<i>Você</i>	414/926	45

Fonte: Adaptado de Franceschini (2011)

Os dados revelaram que há alternância entre os pronomes *tu* (55%) e *você* (45%). Segundo a autora, isso mostra que o uso do pronome *tu* ainda se mantém entre os falantes de Concórdia.

No que se refere à determinação do referente, Franceschini (2011) aponta que os dados mostram que o pronome *tu* é favorecido em contextos em que o referente é determinado (79%), enquanto *você* é mais usual em contextos indeterminados (52%). De acordo com a autora, esses resultados eram previstos em termos hipotéticos, pois acreditava-se que o pronome inovador *você* fosse mais usado com referente indeterminado, e o pronome *tu* mantém seu predomínio na determinação.

Assim, em vista dos estudos apresentados nessa subseção sobre a alternância dos pronomes *tu/você* no português brasileiro, é fácil perceber que em algumas regiões do Brasil, como por exemplo a região Norte, ainda carecem de trabalhos que sejam desenvolvidos em torno da variação pronominal de segunda pessoa. A busca de trabalhos que objetivassem analisar o uso dos pronomes *tu/você* na região Norte me fez entender que o desenvolvimento deste estudo é essencial para acrescentar aos estudos que foram desenvolvidos na região Norte e talvez servir de suporte para outras pesquisas que sejam desenvolvidas em comunidades amazônicas ribeirinhas.

Assim, nossa próxima seção nos fará remar até o *locus* de nossa pesquisa e durante a viagem apresentaremos o delineamento metodológico que adotamos neste estudo, para então amarrar nossa canoa no porto de nossa comunidade ribeirinha e colher os dados de fala dos ribeirinhos caiarienses.

## CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

Este capítulo trata das etapas metodológicas pertinentes à observação dos pronomes *tu* e *você* na comunidade ribeirinha Caiari. Dessa forma, inicia-se com uma breve apresentação da cidade de Humaitá e algumas características da comunidade ribeirinha Caiari. Depois, apresenta-se o perfil dos informantes da pesquisa e, por fim, discutimos o método de coleta de dados para a composição da nossa amostra.

### 3.1 Amarrando nossa canoa no porto da comunidade ribeirinha Caiari

*Eu sou de uma terra que o povo padece  
Mas não esmorece e procura vencer.  
Da terra querida, que a linda cabocla  
De riso na boca zomba no sofrer.  
Patativa do Assaré<sup>13</sup>*

A comunidade ribeirinha Caiari faz parte da área territorial do município de Humaitá no Amazonas. De acordo com o último censo do IBGE em 2021<sup>14</sup>, Humaitá possui uma população de 57.195 habitantes, distribuídos em área territorial de 33.111, 143 km<sup>2</sup>. A distância de Humaitá até Manaus é de 696,4 km via BR-319.

É possível ver, na Figura 14, o mapa do Brasil, destacando o estado do Amazonas, e, na Figura 15, a cidade de Humaitá, em relação à capital do estado, Manaus. Segundo informações encontradas no site da prefeitura da cidade de Humaitá<sup>15</sup>, os primeiros habitantes de Humaitá foram os indígenas das etnias Torá, Tenharim, Parintintin, Pama, Arara e Mura. Além dos indígenas, o comerciante José Francisco Monteiro também foi um dos primeiros moradores da região. Ele chegou na região em 15 de maio de 1869 e instalou-se num lugar chamado de Pasto Grande (sede da freguesia de São Francisco), próximo à atual cidade. Logo depois, em 1888, a sede da freguesia de São Francisco foi transferida para o lugar em que hoje é a cidade de Humaitá.

---

<sup>13</sup> Patativa do Assaré em *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino* (Editora Vozes, 15 ed., 2008).

<sup>14</sup> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/humaita/panorama>. Acesso em dezembro de 2022.

<sup>15</sup> <https://www.humaita.am.gov.br/pagina/dados-oficiais>. Acesso em dezembro de 2022.

**Figura 14 - Mapa do Brasil e Estado do Amazonas**



Fonte: <https://www.embajadadebrasil.org/brasil/turismo/turismo-en-amazonas.php>.

**Figura 15 - Cidade de Humaitá e cidade de Manaus**



Fonte: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-do-Estado-do-Amazonasmunicipios-e-Fronteiras>.

Ainda segundo dados da prefeitura municipal de Humaitá, em termos legais, o município foi criado pelo Decreto nº 31, de 4 de fevereiro de 1890, tendo sua área territorial desmembrada do município de Manicoré, por meio do Decreto-Lei nº 95-A, de 10 de abril de 1891, assinado pelo governador Eduardo Ribeiro. No entanto, somente em outubro de 1894, no auge do ciclo da borracha, Humaitá foi elevada à categoria de cidade.

Naquela época, o rio Madeira foi o principal meio para as grandes navegações chegarem ao município. Atualmente, o rio Madeira influi na vida dos ribeirinhos, além de ser um importante meio para o transporte fluvial na região. A hidrovia do Madeira é considerada uma das mais importantes do país, por ela passam as balsas graneleiras que dão escoamento à produção de grãos do Centro Oeste brasileiro e de Rondônia para Itacoatiara e Belém e de lá, para o comércio exterior. Via barco, a distância de Humaitá até Manaus é de aproximadamente três dias.

A hidrografia da região humaitaense é formada pelos rios: Marmelo, Maicí, Machado e Ipixuna, além dos Igarapés Caxiri, Beem, Banheiro, Pupunha, Puruzinho, e os Lagos: Pupunha, Paraíso, Uruapiara, dos Reis, Lago do Antônio, Lago do Acará, Lago do Igarapé (ver Figura 6), entre outros.

À título de conhecimento, vejamos abaixo a vista aérea da cidade de Humaitá nos dias atuais:

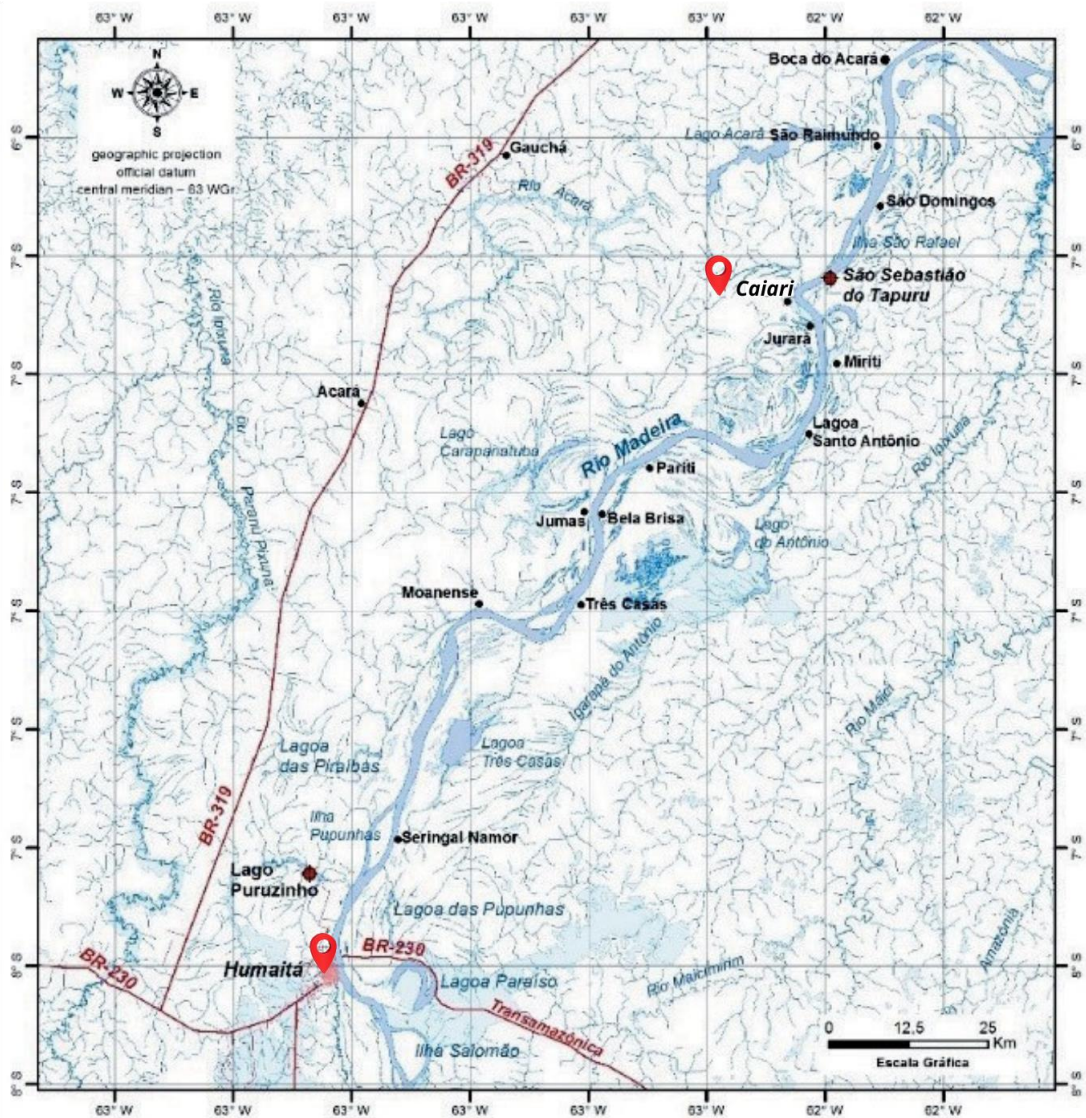
**Figura 16** - Vista aérea da cidade de Humaitá e o rio Madeira em 2020



**Fonte:** Portal Amazônia

Neste trabalho, destaca-se a importância do rio Madeira, pois é por meio dele que chega-se até o *lócus* de nossa pesquisa que é a comunidade ribeirinha Caiari. Para fins informativos, na Figura 17, podemos visualizar a cidade de Humaitá e percurso pelo rio Madeira entre as várias comunidades ribeirinhas até a comunidade Caiari.

**Figura 17** - Percurso da cidade de Humaitá até a comunidade ribeirinha Caiari, no rio Madeira



**Fonte:** Adaptado do Laboratório Biogeoquímica Ambiental Wolfgang Christian Pfeiffer/UNIR

A comunidade Caiari está localizada à margem esquerda do rio Madeira, com distância de aproximadamente 200 km da área urbana do município de Humaitá-Amazonas, onde só é possível chegar por meio de transporte fluvial, como: barco e lancha. Via barco, a

partir do terminal hidroviário de Humaitá, a distância se estende por aproximadamente 9 horas descendo o rio Madeira. A Figura 18 mostra parte da comunidade ribeirinha Caiari.

**Figura 18** - Comunidade ribeirinha Caiari



**Fonte:** De autoria própria

Dentre as várias comunidades tradicionais existentes na vasta Amazônia: indígena, rural, ribeirinhos, opto em trabalhar nesta pesquisa com a população ribeirinha Caiariense pela minha trajetória familiar e pelos estudos sobre as variantes do português brasileiros da região Norte que não são tão abundantes quanto às investigações feitas do português da região Sudeste, por exemplo. É possível ver no Quadro 6 (apresentado no capítulo 2) que enquanto há apenas 5 estudos na região norte sobre variação pronominal *tu/você*, encontrou-se 21 trabalhos na região sudeste que tem como objetivo investigar o mesmo fenômeno.

Em vista disso, é possível dizer que a constituição de *corpora* da língua portuguesa na região Norte e, em especial, no estado do Amazonas, está muito incipiente. Este trabalho, por exemplo, não poderia ter sido realizado sem a disposição de se constituir um *corpus* e sem a contribuição advinda da consulta a vários trabalhos de pesquisa em outras regiões do Brasil.

Diante dessa carência de estudos linguísticos sobre variantes do português brasileiros falado na região Norte, decidi propor, mesmo que ainda pequeno e inicial, a construção de um *corpus* linguístico do português falado na comunidade ribeirinha Caiari, cujos dados foram coletados ao longo de 2022. Em termos de fenômeno linguístico, decidi investigar os



pronomes de segunda pessoa, pois há no português caiariense duas formas linguísticas em variação que marcam a segunda pessoa do singular, a saber: *tu* e *você*.

### 3.2 Perfil dos informantes

Embora a presente pesquisa não se constitua como uma investigação essencialmente sociolinguística, nos termos de Labov (1972, 1974, 1982, 1994) e Weinreich, Labov e Herzog (1968), decidi para a construção do *corpus* linguístico adotar alguns pressupostos da pesquisa sociolinguística, principalmente na definição do perfil dos informantes, que são primordiais para o alcance dos objetivos aqui propostos. Segundo Labov (2008[1972]), o número ideal de informantes são 5 para cada célula social. No entanto, em nosso estudo, não alcançamos o número ideal, pois a comunidade em que realizamos nossa coleta de dados é pequena. De acordo com Coelho et al. (2018), isso não compromete a investigação, apenas requer mais cautela na análise dos resultados concernentes aos grupos de fatores extralinguísticos, uma vez que a Sociolinguística não investiga o uso individual da língua, mas a comunidade de fala em si.

Além disso, Coelho et al. (2018, p. 101) acentuam que a célula social é “um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística”. Tendo isso em vista, definimos para meu estudo os seguintes grupos de fatores sociais: localidade (comunidade ribeirinha Caiari), sexo (feminino e masculino), faixa etária (18 a 39 anos e 40 a 80 anos), escolaridade (não escolarizado, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Com vistas a explicar essa distribuição, apresenta-se o quadro abaixo:

**Quadro 6** - Distribuição dos informantes

ESCOLARIDADE	NÃO ESCOLARIZADO		ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO		
	Sexo	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Idade (18-39 anos)		1	0	2	2	2	2
Idade (40-80 anos)		2	2	2	3	0	0
<b>Total geral:</b> 18 informantes							

**Fonte:** Elaborado pelo autor

### 3.3 Método de coleta de dados

As pesquisas sociolinguísticas são de base empírica, desenvolvidas a partir de dados linguísticos efetivamente produzidos. Com isso, entendemos que as amostras mais representativas para esse tipo de pesquisa são as de fala espontânea, pois essa língua é o vernáculo, ou seja, é a língua que utilizamos em casa, com nossos amigos e parentes, nos momentos de lazer, longe dos locais de trabalho.

De acordo com Coelho et al. (2021), a observação direta da língua falada em situações naturais de interação social face a face é um dos métodos mais eficazes para a investigação sociolinguística. Além disso, Labov (2008, p. 244) assinala que “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”. A partir disso, o instrumento que elegemos para coleta de dados foi a entrevista sociolinguística (LABOV, 2008) desenvolvida a partir de falas espontâneas dos pesquisados.

**Figura 19** - Entrevista sociolinguística



**Fonte:** De autoria própria.

Para gravar as falas dos ribeirinhos caiarienses, foi utilizado um aparelho celular *Smartphone*, modelo *S20 FE* da marca *Samsung*. Embora não seja um gravador profissional, dispõe de uma boa captação de voz para os objetivos da pesquisa. O aplicativo utilizado para gravar as entrevistas foi o *Super Recorder* em formato *WAV*.

As entrevistas foram guiadas por um roteiro de perguntas sobre temas gerais e experiências pessoais dos informantes. Nessa perspectiva, Coelho et al. (2021, p. 106) apontam que “nas entrevistas sociolinguísticas, o entrevistador deve tentar: neutralizar a força inibidora de sua presença e do gravador, mostrando-se interessado, de fato, nas histórias que os informantes vão contar; e realizar o mínimo de interferências[...]”. Desta forma, durante as gravações, não nos prendemos apenas às perguntas programadas, à medida que a conversa fluía, inseríamos mais perguntas sobre o tema em discussão para que o entrevistado desviasse a atenção da sua própria fala e deixasse o vernáculo emergir.

**Figura 20** - Entrevista sociolinguística



**Fonte:** De autoria própria

Por conseguinte, durante a entrevista, os ribeirinhos caiarienses responderam várias perguntas que recriaram emoções vividas no passado, assim como perguntas sobre situações cotidianas vividas em sua comunidade ribeirinha. Abaixo descrevemos algumas perguntas que estavam presentes na entrevista sociolinguística:

- 1- Quais lembranças [*você/tu*] tem da sua infância na comunidade Caiari?
- 2- O que [*você/tu*] sente mais falta da sua infância?
- 3- Havia alguma brincadeira que [*você/tu*] gostava de brincar quando era criança?
- 4- Quando era criança, [*você/tu*] pescava com seus pais?
- 5- [*você/tu*] lembra se na época haviam muitos peixes nos lagos?

- 6- [você/tu] lembra quantas famílias moravam na comunidade Caiari?
- 7- Quantas casas tinham na comunidade Caiari, antigamente?
- 8- As casas eram grandes? Eram cobertas de palha? Eram cercadas de palha ou de tábuas?
- 9- Antigamente, havia rio ou lago perto das casas?
- 10- Naquela época, como faziam para chegar até a cidade?
- 11- Quantos anos [você/tu] tinha quando foi a primeira vez à cidade?
- 12- Quando está doente e precisa de atendimento médico, [você/tu] vai até a cidade? Qual cidade?
- 13- [você/tu] vai com frequência à cidade?
- 14- Quando vai para a cidade, [você/tu] fica na casa de parentes?
- 15- Se [você/tu] tivesse oportunidade de morar na cidade, moraria?

Assim, ainda durante a entrevista, seguimos as orientações de Coelho et al. (2021, p. 106) que propõem “Tomando esses cuidados, o pesquisador estimula o informante a “soltar” seu vernáculo[...]. No âmbito da sociolinguística Laboviana, as entrevistas se constituem no melhor material de análise de fenômenos linguísticos em variação”. Descreve-se então que durante as entrevistas, o entrevistador teve cuidado para que as conversas não fossem mecanizadas e controladas com respostas pensadas, criou-se um ambiente em que os informantes pudessem expressar suas emoções por meio da fala.

Após a gravação das entrevistas, utilizamos o software *ELAN (Eudico Linguistic Annotator)* para transcrever todos os áudios gravados e fazer a análise linguística. Foram transcritas e analisadas aproximadamente 23 horas de conversas. Todas as gravações foram realizadas em ambientes informais, como casas, quintais da casa e barcos.

Em algumas gravações, os informantes estavam em grupo com três pessoas, mas a maioria das gravações foram individuais em que estavam presentes apenas o informante e o entrevistador. É possível descrever que os informantes não demonstraram qualquer constrangimento ao serem gravados, talvez isso foi possível pela familiaridade que o entrevistador tem com os informantes, pois são da mesma família e tem contato diário.

Deve-se destacar que, para as entrevistas, foram utilizadas máscaras de proteção, considerando o risco de contágio pelo novo coronavírus. Esses cuidados foram tomados para garantir a proteção dos participantes. Inclusive, foi destacado que só realizaríamos o trabalho se o entrevistado estivesse se sentindo seguro. Para tanto, antes do entrevistado assinar o

termo de consentimento livre e esclarecido (cf. Anexo A), o entrevistador fez a leitura do referido documento para o participante, a fim de explicitar de forma clara e objetiva os objetivos da pesquisa e uso dos dados com propósito científico.

Ademais, para preservar a identidade de nossos informantes, baseamo-nos nos trabalhos de Loregian (1996) e Martins (2010), que utilizaram um código que inclui números e letras para identificar os informantes. Desta forma, adotou-se critérios parecidos com os dos referidos autores para reconhecer os exemplos citados ao longo da análise deste trabalho, a saber: Inicial do nome do participante, escolaridade (NE= Não Escolarizado; EF = Ensino Fundamental; EM = Ensino Médio) e sexo (H- homem; M- mulher).

Assim, concluiu-se o presente capítulo, no qual apresentamos os caminhos metodológicos que foram utilizados para que fosse possível a coleta dos dados. No próximo capítulo, remaremos em direção aos dados colhidos para tecer as discussões em relação à análise do material coletado.

## CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados referentes a minha pesquisa a respeito da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular *você/tu* obtidos mediante a análise de 18 entrevistas realizadas com falantes do sexo masculino e feminino, de duas faixas etárias (18-39 e 40-80 anos) e quatro níveis de escolaridade (não escolarizado, anos iniciais do Ensino Fundamental, anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio) da comunidade ribeirinha Caiari, Humaitá - AM.

### 4.1 Remando em direção aos dados colhidos

No *corpus* que compõe esta pesquisa foram encontradas 57 ocorrências das formas pronominais de segunda pessoa do singular. Na Tabela 24, expõe-se a distribuição geral dos pronomes *tu* e *você* na amostra.

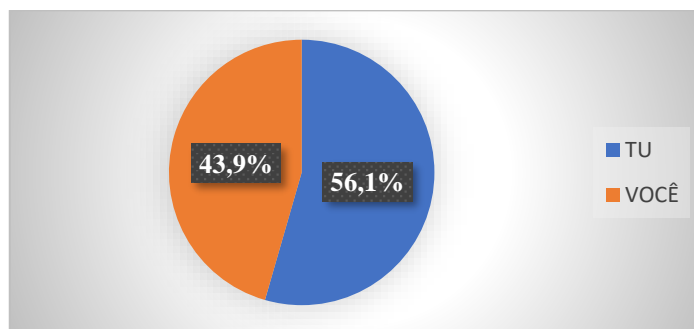
**Tabela 24** - Distribuição dos dados conforme a variante de segunda pessoa *tu/você*

Variante	Nº	%
<i>Você</i>	25	43,9%
<i>Tu</i>	32	56,1%
Total	57	100%

**Fonte:** Elaborado pelo próprio autor

Uma análise superficial já oferece indícios suficientes para sustentar uma investigação que considera essas duas variantes, *tu* e *você*, como relevantes no português falado na comunidade Caiari. No Gráfico a seguir, podemos visualizar a distribuição de frequência das variantes de segunda pessoa *tu* e *você* encontradas em nossos dados.

**Gráfico 6** - Distribuição de frequência das variantes *você* e *tu* na comunidade Caiari

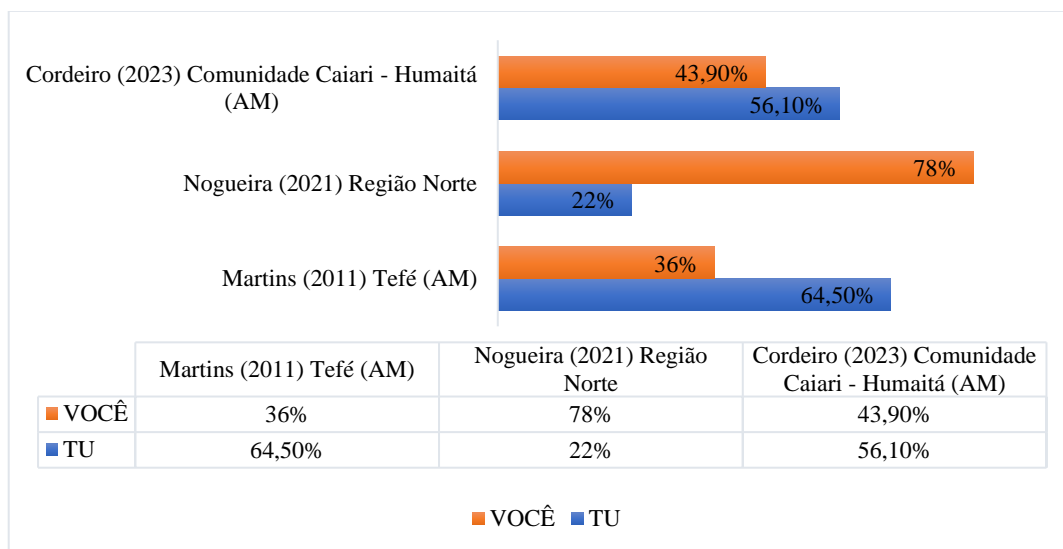


**Fonte:** Elaborado pelo próprio autor

Nota-se que a forma pronominal *tu* ocorreu 56,1% na fala dos ribeirinhos caiarienses, enquanto o *você* corresponde a 43,9% das ocorrências. Em vista disso, apesar de as duas variantes serem uma marca linguística dos caiarienses, a preferência é pela forma pronominal *tu*. Além disso, foi possível notar a partir de nossos dados que não houve nenhuma ocorrência das variantes *cê* ou *ocê* nas falas dos entrevistados, o que mostra que os falantes caiarienses não utilizam essa variação pronominal presentes em outras variedades do português brasileiro.

Na seção “Pescando estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil”, apresentada neste trabalho, observou-se que em aspectos de frequência do uso das formas pronominais *tu* e *você* na região Norte, os dados dos trabalhos apresentados mostraram que as duas formas pronominais *tu/você* são marcas linguísticas dos falantes nortistas. Para fins ilustrativos, exibimos essas informações no gráfico abaixo:

**Gráfico 7** - Percentual de *tu/você* em trabalhos desenvolvidos na região Norte



**Fonte:** Elaborado pelo próprio autor

A partir dessa ilustração, percebe-se que os dados de Martins (2010) apresentam relação com nossos dados, uma vez que a forma pronominal *tu* é considerada com maior usabilidade entre os falantes. No entanto, o trabalho de Nogueira (2021), realizado em vários pontos da Região Norte, mostra que os falantes têm preferência pela forma pronominal *você*.

É possível dizer que, apesar do trabalho de Nogueira (2021) ter apresentado (de maneira geral) dados contrários aos nossos em termos de frequência das variantes *tu/você*, em um recorte mais específico somente da localidade de Humaitá-AM, constatamos que os dados da referida autora apresentam semelhança com nossos dados. Sobre isso, Nogueira (2021) sintetiza que os dados mostraram que a cidade de Humaitá-AM (que é o município da comunidade ribeirinha de nosso estudo) favorece o uso do *tu* com (0,67) em peso relativo.

Assim, acredita-se que nossos dados sobre frequência pronominal de segunda pessoa vão ao encontro dos estudos de Martins (2010) e Nogueira (2021).

#### 4.2 Referencialidade *tu/você*

Para entender melhor sobre o tipo de referente, Guimarães (2014, p. 139) discorre que “a referência diz respeito à forma como são usados os pronomes: se de forma específica, referindo-se ao interlocutor, ou de forma genérica, quando se usa a segunda pessoa para se reportar a qualquer um”. Sendo assim, entende-se que o pronome na forma genérica não se dirige a alguém em particular, mas a quem possa se aproveitar da informação. Por outro lado, quando o pronome está na forma específica tem direcionamento a um referente definido, particular.

A referencialidade pronominal é amplamente estudada nas pesquisas que tratam da variação *tu/você* no Brasil. Podemos citar os trabalhos de Martins (2010), Nogueira (2021), Alves (2012), Guimarães (2014), Dias (2007), Andrade (2010), Modesto (2006) e Silva (2017). Assim como nesses estudos, nossos dados mostraram que a referencialidade é também uma questão relevante, vejamos:

- (1) “...A vida que eu vivi pra trás num tem nem comparação de hoje, que hoje **TU** tem as coisa mais fácil, mas **TU** só v[e]ve mais doente de que bom e antigamente **TU** num via uma pessoa novo doente”. (FRAEFH)
- (2) “[...] Não deu certo a seringa ela só dava pra **VOCÊ** c[u]mê”. (FRAEFH).



Nos exemplos 1 e 2, é possível notar que o mesmo falante faz o uso tanto do pronome *tu* quanto do *você* de forma genérica, pois não tem a referencialidade dirigida à uma pessoa específica do discurso. Nessa perspectiva, Lopes (2007) diz que o uso dos pronomes *você* e *tu* se expandiu para contextos de referência indeterminada e aparece em construções existenciais, como em “*Você* tem uma loja lá na rua que só vive em liquidação” com o sentido de “existe/há uma loja lá na rua que só vive em liquidação”. O falante se descompromete com o discurso, tornando-o mais vago e genérico, pois tal forma pode englobar as demais pessoas (eu + você(s) + ele(s) + todo mundo ou qualquer um). (LOPES, 2007, p. 103). Vejamos exemplos de outros falantes encontrados em nossos dados:

- (3) “...Hoje, a água **TU** puxa no motor bomba, **TU** puxa... Era mais difícil a água antigamente. Hoje tem a bomba pra puxar água, tem o motor bomba. Antigamente era na cabeça, **TU** carregava”. (ADENEM).
- (4) “[...] depois disso que que acontecia **VOCÊ** tinha que se virá de ôtas coisas, né”. (MARENEM).

Os exemplos 3 e 4 também mostram que as variantes *você* e *tu* foram empregados nas sentenças com interpretação genérica, sem fazer referência a um interlocutor específico, tendo um sentido mais geral e abrangente.

Com vistas a explicar como estão distribuídos os dados sobre a referencialidade genérica em nosso estudo, apresentamos a tabela abaixo:

**Tabela 25** - Uso genérico das variantes *tu/você*

Variante	Nº	%
<i>Tu</i>	12/32	37,5
<i>Você</i>	25/25	100

**Fonte:** Elaborado pelo próprio autor

A partir da Tabela 25, nota-se que, do total de 32 ocorrências da variante *tu*, 37,5% referem-se ao uso do pronome com interpretação genérica, ao passo que a variante *você* foi empregada em 100% das ocorrências com valor genérico. Diante disso, pode-se dizer que os resultados corroboram a hipótese inicial de que o pronome *você* é favorecido pelos falantes caiarienses com referencialidade genérica, ao passo que o pronome *tu*, apesar de menor expressividade, também exerce a função genérica. Em trabalhos futuros devemos

ampliar nosso *corpus* para verificar se a referencialidade genérica da forma *você* é categórica no português caiariense. Para fins de comparação, apresenta-se o número de ocorrências com valor específico (ver Tabela 26) dos pronomes *tu* e *você*.

**Tabela 26** - Uso específico das variantes *tu/você*

Variante	Nº	%
<i>Tu</i>	20/32	62,5
<i>Você</i>	0/25	0,0

**Fonte:** Elaborado pelo próprio autor

Diante desses resultados, evidencia-se que o pronome *tu* é favorecido quando usado de forma específica com frequência de 62,5% no falar dos ribeirinhos caiarienses. Vejamos outros exemplos encontrados em nossa amostra que ilustram tanto o *você*, quanto o *tu* de forma genérica:

- (5) “...**TU** constrói um império alí. Aí **TU** divide. Esse aqui é de fulano, de ciclano, de beltrano”. (FRAEFH).
- (6) “Dá uma agonia só de **TU** ver”. (MAEMM).
- (7) É um aprendizado que na hora que **VOCÊ** aprende **VOCÊ** morre e leva junto. (FRAEFH).
- (8) Se **VOCÊ** for inteligente se torna mais fácil qualquer hora pode aparecer um emprego. (AMAENH).

Em vista disso, pode-se dizer que no português caiariense o uso do *tu*, de modo geral, favorece a referência específica, ao passo que o *você* foi empregado categoricamente de forma genérica. Como observamos, isso não ocorre somente entre os nossos informantes, mas em várias regiões do país.

#### 4.3 Entonação *tu/você*

A entonação foi outra variável que encontramos em nossos resultados durante a análise. Dessa forma, propomos apresentar como os dados se comportam considerando essa

variável nas formas pronominais *tu/você*. A fim de explicar essa distribuição, vejamos a tabela abaixo:

**Tabela 27** - Variação *tu/você* em relação à entonação na amostra

<b>Entonação</b>	<b>Você</b>	<b>Tu</b>	<b>Total</b>
Sentenças interrogativas	2 (20%)	8 (80%)	10 (100%)
Sentenças declarativas	23 (48, 9%)	24 (51,1%)	47 (100%)

**Fonte:** Elaborado pelo próprio autor

Em se tratando de entonação, a Tabela 27 mostra que as sentenças interrogativas são favoráveis ao uso do pronome *tu* pelos falantes caiarienses. É válido destacar que esses resultados sobre a preferência do *tu* em sentenças interrogativas vão ao encontro dos resultados de Guimarães (2014), Andrade (2010) e Silva (2017). Além disso, observa-se que não há preferência significativa, pelos falantes caiarienses, em termos de frequência, nas sentenças declarativas em relação ao *tu* e *você*.

Como ilustração das sentenças que compõem nossos dados, apresentamos em (9) e (10) os dois exemplos do *você* com entonação interrogativa, vejamos:

(9) **VOCÊ** tem que ter um tempinho, né?

(10) **VOCÊ** pensa?

Destaca-se que em termos de frequência da utilização do *tu* e *você* em sentenças interrogativas, nossos dados mostraram que os ribeirinhos caiarienses preferem a forma pronominal *tu*. Abaixo, projeta-se alguns exemplos do *tu* em contextos interrogativos, vejamos:

(11) Não, éh... **TU** ta falando dessa daqui? (ADENEM)

(12) Pra PM **TU** acertou trinta e uma? (CLEEFM)

(13) **TU** quer saber sobre? (CLEEFM)

É possível verificar a partir da exibição dos exemplos a utilização da forma pronominal *tu* em contexto frasal interrogativo dos falantes ribeirinhos caiarienses. Diante disso, conforme explicitamos acima, podemos dizer que nossos resultados corroboram com

os de Guimarães (2014, p. 164), uma vez que a autora descreve que seus dados mostraram que “a entonação interrogativa beneficia o uso do *tu* (0,668), já a entonação declarativa/exclamativa coíbe o seu uso (0,442)”.

Para além, apresentamos também os resultados de Andrade (2010, p. 108) que mostram que “os resultados gerais indicaram que as orações interrogativas favoreceram relativamente as variantes *cê* e *tu* de forma semelhante, ficando ambas com os percentuais acima de suas médias. Por sua vez, a variante *você* foi favorecida pelas orações não interrogativas”.

Para explicar isso, Andrade (2010) disserta que esse tipo de enunciado, por ser expressivo e emotivo, os falantes pronunciam de forma mais cantada, por isso, o *tu* é a pronome da frase. Ademais, conforme mostrado na Tabela 27, apesar dos dados mostrarem produtividade pronominal de *tu* nas sentenças declarativas pelos ribeirinhos caiarienses, houve predominância maior do *você* nesses contextos, vejamos alguns exemplos:

(14) Porque pra PM **TU** estudou e pra bombeiro não, por isso. (CLEEFM)

(15) Josimar, pra quem tem cabeça sim que nem **TU**. (RAIEFM)

(16) Então **TU** passou pra PM. (CLEEFM)

Para finalizar esta subseção, acentua-se a explicação de Guimarães (2014) sobre a entonação com valor interrogativo, em que a autora destaca que por esse tipo de entonação precisa de proximidade entre os falantes por ser inacabado, então é necessário que haja outro para completá-lo.

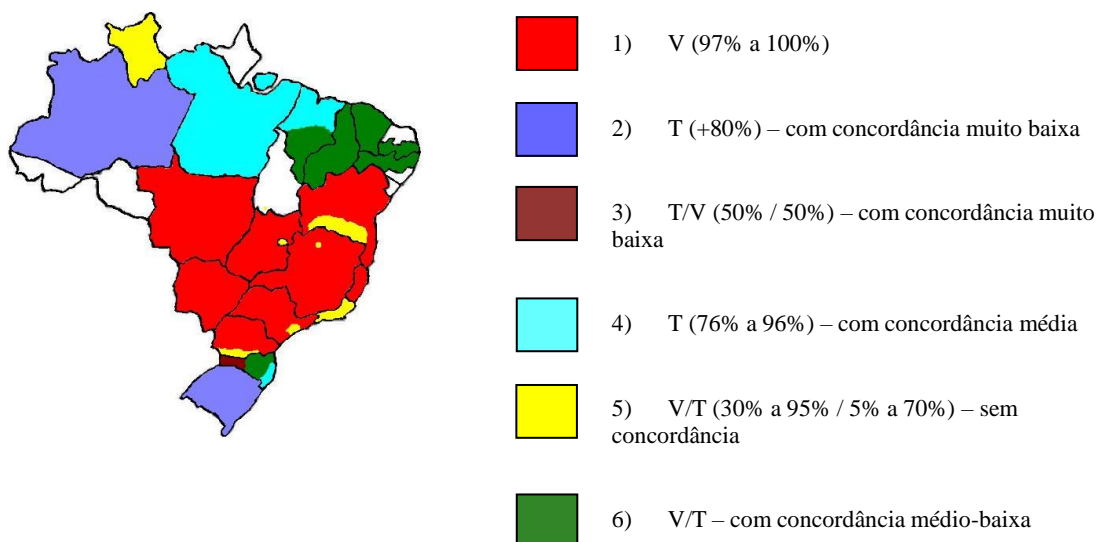
### **4.3 Aspectos sintáticos**

Neste estudo, mostramos na subseção “Nos banzeiros dos pronomes de segunda pessoa no português brasileiro”, que a partir de explicações teóricas como as de Coelho et al. (2021), é possível dizer que a inserção pronominal do *você* gerou um sistema híbrido de representação da segunda pessoa do singular que pode ser motivado por aspectos linguísticos e sociais. Sob esse olhar, pode-se citar o mapeamento de segunda pessoa *tu/você* de Scherre et al. (2015) visto no trabalho de Nogueira (2021, p. 18), que abrange quase todo o país, proporcionando uma visão ampla de como a variação *tu/você* está distribuída nos estados e regiões, observemos:

1. Subsistema **só você**: uso exclusivo das formas *-você/ocê/cê*;
2. Subsistema **mais tu com concordância baixa**: uso médio de *-tu* acima de 60% com concordância abaixo de 10%;
3. Subsistema **mais tu com concordância alta**: uso médio de *-tu* acima de 60% com concordância entre 40 e 60%;
4. Subsistema **tu/você com concordância baixa**: uso médio de *-tu* abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%;
5. Subsistema **tu/você com concordância média**: uso médio de *-tu* abaixo de 60% com concordância entre 10% e 39%;
6. Subsistema **você/tu**: *-tu* de 1% a 90% sem concordância.

Para identificar o subsistema da região Norte, de acordo com o mapeamento de Scherre et al. (2015), projeta-se a Figura 21 que foi retirada do trabalho de Martins (2010, p. 100):

**Figura 21** - Usos dos pronomes *você* e *tu* no Português Brasileiro em Martins (2010)



**Fonte:** Martins (2010, p. 100)

Ao considerar os subsistemas propostos por Scherre et al. (2005), de um modo geral, observa-se que o estado do Amazonas apresenta um subsistema *você/tu* com concordância muito baixa, ou seja, quase não há falantes que utilizam a concordância canônica de segunda pessoa nesta parte da região Norte do país.

Em vista disso, nossos dados mostraram que os falantes caiarienses não fazem concordância verbal com pronome de segunda pessoa. Vejamos os exemplos (5) repetido em (17) e (14) repetido em (19):

(17) “...TU constrói um império alí. Aí TU divide. Esse aqui é de fulano, de ciclano, de beltrano”. (FRAEFH).

(18) Pra PM TU acertou trinta e uma? (CLEEFM)

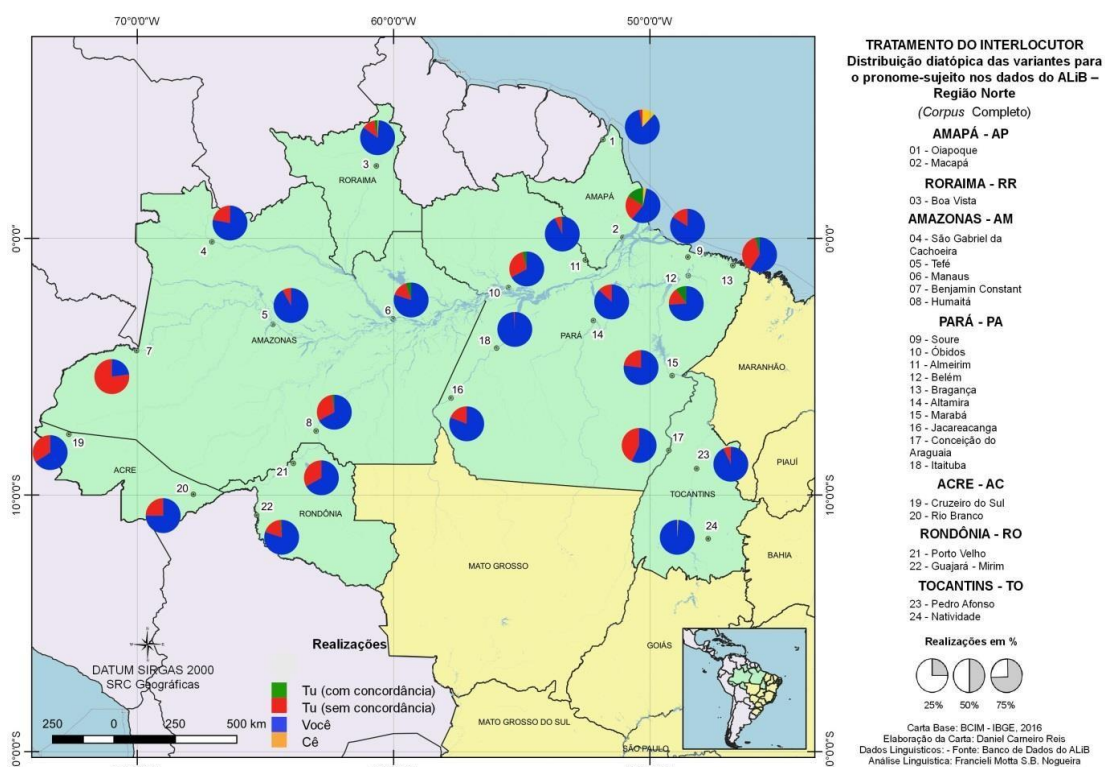
(19) Porque pra PM TU estudou e pra bombeiro não, por isso. (CLEEFM)

(20) TU passou pra PM. (CLEEFM)

No que diz respeito à concordância verbal, observamos que, na fala dos entrevistados da comunidade Caiari, a variante *tu* só ocorreu com o verbo na terceira pessoa – *tu constrói, tu acertou, tu estudou, tu passou*. Essas realizações mostram que o pronome *tu* faz parte da comunidade, mas é um *tu* que ocorre com o verbo na terceira pessoa. Esses resultados sobre concordância canônica vão ao encontro dos resultados de Nogueira (2021), Alves (2012) e Modesto (2006), uma vez que os dados desses trabalhos também apontaram que a variante *tu* só ocorreu com o verbo em terceira pessoa.

Assim como fez Scherre et al. (2015) no que diz respeito ao mapeamento de segunda pessoa *tu/você* no Brasil, Nogueira (2021), a partir dos dados do projeto ALiB, mapeou a concordância canônica em segunda pessoa na região Norte, vejamos:

**Figura 22** - Distribuição da concordância em segunda pessoa na região Norte, Nogueira (2021).



Fonte: Nogueira (2021)

Com vistas a explicar essa distribuição, Nogueira (2021) aponta que o estudo mostrou *tu/você* sem concordância no Amazonas. As cidades analisadas foram São Gabriel da Cachoeira, Tefé, Manaus, Benjamin Constant e Humaitá. Dessa forma, é possível dizer que nossos dados apresentam sintonia com os resultados de Nogueira (2021). A seguir observemos outros exemplos encontrados em nossos dados:

(21) **TU** tranca a tua porta aqui só se tiver aberta a porta pra ele entrar (MAEMM).

(22) Mas **TU** vai aprender, se tu botar no teu braço (MAEFM)

(23) **TU** pensa que era fácil é? (ORNEH)

Assim, sendo parte da região Norte e estando geograficamente no Sul do Amazonas, a comunidade ribeirinha Caiari é considerada uma localidade em que seus falantes fazem uso da forma pronominal *tu* sem estabelecer concordância canônica de segunda pessoa.

Espera-se que esses resultados juntem-se aos trabalhos de outras regiões do país que tenham propósito de dar ciência acerca da variação pronominal *tu/você* na região Norte, em especial em comunidades amazônicas ribeirinhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui empreendida foi desenvolvida a partir de um *corpus* linguístico do português falado na comunidade Caiari, cujos dados foram coletados ao longo do ano de 2022. Apesar de se tratar de uma comunidade pequena, foram coletadas 18 entrevistas realizadas com falantes do sexo masculino e feminino.

Tendo sido discutidos os dados e considerando nossa análise aqui exposta, retomamos aqui nosso objetivo: investigar a realização dos pronomes de segunda pessoa *tu/você* que estão em variação no português falado na comunidade ribeirinha Caiari (Humaitá-AM). Em vista dos resultados, podemos dizer que há um equilíbrio de ocorrências entre as duas variantes, embora a forma mais frequente seja a variante *tu* que apareceu em 56,1% das ocorrências, ao passo que o *você* em 43,9% das realizações.

No que se refere à referenciação genérica e específica, notamos que o pronome *você* é favorecido nos contextos de referências genéricas, ao passo que o *tu* favorece as referências específicas. Como já mencionado, essa tendência foi comprovada em vários estudos de diferentes regiões do país, como no Nordeste (GUIMARÃES, 2014), no Centro-Oeste (ANDRADE, 2010), na região Norte (MARTINS, 2010; NOGUEIRA, 2021).

Sobre a entonação, identificamos que os falantes caiarienses têm preferência nas sentenças interrogativas pelo uso do pronome *tu*, esses resultados corroboram com os resultados de Guimarães (2014), Andrade (2010) e Silva (2017). Em relação às sentenças declarativas não houve preferência entre o *tu* e *você*, pois os percentuais não apresentaram grande expressividade no favorecimento entre essas duas formas pronominais.

Além disso, no que diz respeito à concordância verbal, observamos que a variante *tu* só ocorreu com verbos em terceira pessoa, como por exemplo: *tu constrói, tu acertou, tu estudou, tu passou*. A partir disso, constatamos que esses resultados sobre concordância verbal vão ao encontro dos resultados da pesquisa de Nogueira (2021), em que o estado do Amazonas faz parte de subsistema *você/tu* sem concordância.

Por fim, acreditamos que o presente trabalho pode ser considerado um primeiro passo para que novos estudos sobre o português falado em comunidades ribeirinhas amazônicas possam ser empreendidos, com vistas a, cada vez mais, ampliar o cenário nacional de estudos linguísticos e, ao mesmo tempo, contribuir com pesquisas científicas em Linguística acerca da temática por nós, também, discutida.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. Q. **Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense.** 2010. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ALVES, C. C. B. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão.** 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2010.

BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. **A Influência dos fatores sociais na alternância tu/você na fala manauara.** Revista Guavira Letras (UFMS/Campus Três Lagoas), v. 13, p. 49-60, 2011.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance.** Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

BERNARDES, P. M. **A variação da segunda pessoa do singular na cidade de Goiás: você e cê sob o olhar sociolinguístico.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Goiás, Goiania, 2020.

BESSA, B. **Um carinho na alma.** Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

BEZERRA, M. A. **Uso de tu/você em interações infantis.** Letras (Campinas), Campinas, v. 13, n. 1/2, p. 96-118, 1994.

BIDERMAN, M. T. C. **Formas de tratamento e estruturas sociais.** ALFA: Revista de Linguística, v. 18, p. 339-382, 1972.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BRIGHT, W. (1974). **As dimensões da sociolinguística.** In: FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F. (orgs.). Sociolinguística. Rio de Janeiro, Eldorado.

BRASIL G. B. et al. **Modo de vida ribeirinho e a longitudinalidade do cuidado na atenção primária em saúde.** Santa Maria, 2016, v. 42, n. 1, p. 31-38.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: GIGLIOLI, P. P. (ed). **Language and Social Context.** Selected Readings. Middlesex. England. Penguin Books, 1972 [1960].

CALINDRO, A; RODRIGUES, P. Pronomes pessoais e mudança linguística na sala de aula: uma abordagem concreta. In: Simone Guesser; Núbia Ferreira Rech. (Org.). **Gramática e Aquisição: Propostas para o professor de Educação Básica.** 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2022, v., p. 75-130.

CARVALHO, D. S. **Sobre pessoa e referencialidade no português.** Revista Letras, Curitiba, n. 91, p. 131-157, jan./jun. 2015.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do português Brasileiro.** 1 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, S. R. O. A cronologia do *Voceamento* no português brasileiro: expansão de *você*-sujeito e retenção do clítico-*te*. **Linguística**, v. 25, p. 30-65, 2011.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 21. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CEREJA, W.; VIANNA, C. D. *Gramática Reflexiva: 6.º ano.* São Paulo: Atual, 2019.

COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COUTINHO, I. de L. **Gramática Histórica.** 3. ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.

COUTINHO, I. de L. **Gramática histórica.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, v. 1, 1976.

Costa, L. B. da. **Variação dos pronomes “tu”/“você” nas capitais do Norte.** 94f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 4. ed. Rio de Janeiro, Lexikon, 2007.

CRUZ, M. de J. M. da. Campesinato e meio ambiente na várzea da Amazonia. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FACALDE, Ivanira (Org.). **Tradição versus tecnologia: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 143-170.

D’INCÃO, M. Ângela; COTTA JÚNIOR, H. Transformações e permanências no espaço feminino na agricultura familiar. In: D’INCÃO, Maria Ângela; ÁLVARES, M.L.M.; SANTOS, E.F. dos (Org.). **Mulher e modernidade na Amazônia.** Belém: GEPEM/CFCH/UFPA, 2001. p. 429-465.

DIAS, E. P. **O uso do tu no português brasileiro falado.** 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DIVINO, L. S. A. **Como trato o meu receptor?** A propósito do uso de tu/ você em Santo Antônio de Jesus-BA. 2008. 171f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2008.

DUARTE, M. E. L. **Sujeito de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão.** Linguística, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 89-115, jun. 2017.

FARACO, C. A. **The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion.** 1982. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Salford, UK, 1982.

FLORES, J.; CORTELLETE, L. Concordância verbal com o pronome de segunda pessoa do singular na fala de moradores de Florianópolis. **Revista Acadêmica de Letras Português**, n. 1, p. 117-135, 2013.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal 'nós / a gente' e 'tu / você' em Concórdia - SC.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, 2011.

GARRETT, P.; COUPLAND, N.; WILLIAMS, A. **Investigating language attitudes: social meanings of dialect, ethnicity and performance.** Cardiff: University Of Wales Press, 2003.

GUIMARÃES, T. de A. A. S. **TU É DOIDO, MACHO! A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza.** Dissertação (Mestrado em Linguísticas Aplicada) – Universidade do Ceará, Ceará, 2014.

HERÊNIO, K. K. P. **“Tu” e “você” em uma perspectiva intra-linguística.** 2006. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

HIRAOKA, M. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M.; NEVES, M. (orgs). **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 49-86.

HIRAOKA, M. Mudanças nos padrões econômicos de uma população ribeirinha no estuário do Amazonas. In: FURTADO, L. G. (Org.). **Povos das Águas: realidades e perspectivas na Amazônia.** Belém: MPEG, 1993.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Censo Brasileiro de 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia Científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LOPES, C. R. dos S. Pronomes pessoais. In: Brandão, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LOREGIAN, L. **Concordância Verbal com o pronome tu no sul do Brasil.** Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul.** 2004. 260f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LUCCA, N. N. G. **A variação tu/você na fala brasiliense.** 2005. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 331-371.

MARTINS, G. F. **A alternância Tu/Você/ Senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MATTHEIER, K. J. Aspectos de uma teoria da mudança linguística. Tradução de Hans Peter Wieser. **Revista de Letras**, v. 30, jan., 2010/dez. 2011.

MENON, O. P. S. A história de você. In: GUEDES, M.; BERLINCK, R.; MURAKAWA, C. (Orgs.). **Teoria e análise linguísticas: novas trilhas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 99-160.

MODESTO, A. T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MOTA, M. A. **A variação dos pronomes "tu" e "você" no português oral de São João da Ponte (MG)**. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

NASCENTES, A. O tratamento de “você” no Brasil. **Letras**, Curitiba, v. 6, n. 5, p. 114-122, 1956.

NASCIMENTO, I. B. do. **O uso variável do pronome de segunda pessoa você(s)/cê(s) na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NOGUEIRA, F. M. S. B. **Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?** 2013. 135f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NOGUEIRA, F. M. da S. B. **Tu e Você na região norte a partir dos dados do projeto atlas linguístico do brasil**. 2021. 220 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós – Graduação em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

PACKER, S. M. **Formas de tratamento em Jaguará do Sul- SC**. 1990. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Paraná, Curitiba, 1990.

PAREDES SILVA, V. L. O sujeito pronominal de 2ª pessoa na fala carioca: variação e mudança. **Revista Diacrítica**, p. 93-106, 2008.

PERES, E. P. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, n. 1, p. 155-168, 2007.

PERES, E. P. **O uso de Você, Ocê e Cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real**. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

- PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- OTHERO, G. de Á. Revisitando o status do pronome *cê* no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 135-156, jan./jun. 2013.
- ROCHA, W. J. C. **Você e *cê***: um estudo sociofuncional em uma comunidade do Sertão da Ressaca. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.
- SABINO, Carlos A. **El proceso de investigación**. Buenos Aires: Lumen-Humanitas, 1996.
- SCHERRE, M.; DIAS, E. P.; ANDRADE, Carolina; MARTIN, Germano Ferreira. Variação dos pronomes *tu* e *você*. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.
- SILVA, C. A variação da concordância verbal do pronome *tu* no português falado em São Luís. **Identidade Científica**, v. 3, n. 1, p. 59-71, jan./jun., 2012.
- SILVA, S. C. **A variação dos pronomes *tu* e *você* na fala mineira de Ressaquinha (MG)**. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.
- SOARES, I. C.; LEAL, M. G. F. Do senhor ao *tu*: uma conjugação em mudança. **Revista do curso de Mestrado**, Belém, n. 1. p. 27-64, mar./set. 1993.
- SOARES, M. E. **As Formas de tratamento nas interações comunicativas**: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza. 1980. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC/Rio, Rio de Janeiro, 1980.
- SOUZA, E. M. **O uso do pronome ‘eles’ como recurso de indeterminação do sujeito**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- SOUZA, E. M. **Sujeitos de Referência Arbitrária**: uma classe homogênea? Belo Horizonte, MG. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2013
- STRAPASSON, G.; COELHO, I. Presença dos pronomes pessoais *tu / você* e *nós / a gente* na narrativa de experiência pessoal nos indivíduos da cidade de Caçador – Santa Catarina. **Revista Professare**, Caçador, v. 2, n. 1, p. 53-72, 2013.
- VITRAL, L. T.; RAMOS, J. M. Réplica a Petersen (2008). A Tripartição pronominal e o estatuto das proformas *Cê*, *Ocê* e *Você*. **DELTA**, v. 26, p. 387-408, 2010.
- VITRAL, L. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 5, n. 4, v. 1, 1996.
- VITRAL, L.; RAMOS, J. Gramaticalização de *você*: um processo de perda de informação semântica?. In: VITRAL, L.; RAMOS, J. **Gramaticalização**: uma abordagem formal. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE / UFMG, 1999.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, U; LABOV, W & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. Trad. de Marcos Bagno.

## ANEXOS

### ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM LETRAS

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **UM ESTUDO SOBRE OS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS CAIARIENSES: O USO DOS PRONOMES TU/VOCÊ EM SUA FALA**. Meu nome é JOSIMAR MACIEL CORDEIRO ([josimarmaciell177@gmail.com](mailto:josimarmaciell177@gmail.com)), sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Letras/Linguística. Este Projeto de Pesquisa de Mestrado é realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras ([mestradoemletras@unir.br](mailto:mestradoemletras@unir.br)) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), sob orientação do Professor Dr. QUESLER FAGUNDES CAMARGOS ([queslerc@unir.br](mailto:queslerc@unir.br)).

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail [josimarmaciell177@gmail.com](mailto:josimarmaciell177@gmail.com), ou pelo orientador, via e-mail [queslerc@unir.br](mailto:queslerc@unir.br), e, inclusive, sob forma de ligação ou por meio do WhatsApp, através dos seguintes contatos telefônicos: (97) 9 [REDACTED] e (69) 9 [REDACTED]. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Rondônia, pelo telefone (69) 2182-2116 ou pelo e-mail [cep@unir.br](mailto:cep@unir.br) (endereço: Campus José Ribeiro Filho - BR 364, Km 9,5, sentido Acre, Bloco de departamentos, sala 216-2C, Zona Rural).

#### 1. Informações importantes sobre a Pesquisa:

O presente estudo denominado **UM ESTUDO SOBRE OS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS CAIARIENSES: O CASO USO DOS PRONOMES TU/VOCÊ EM SUA FALA** tem o objetivo investigar a variação linguística no português falado por moradores da comunidade ribeirinha Caiari. A fundamentação teórica se fundamentará nos pressupostos teórico-

metodológicos da Teoria da Variação (LABOV, 1972; 2008; 1994; 2001; 2010), Bartoni-Ricardo (2014), Mollica (2020) e Bright (1974). Para coletar os dados de fala, elegemos como instrumento a entrevista sociolinguística (LABOV, 1972), que será guiada por um roteiro de perguntas que inclui realidade social do informante como a própria vida, seu cotidiano, a história de sua comunidade, ocupação, saúde e educação. As entrevistas serão gravadas por meio de um aparelho próprio de captação da fala para que o áudio do entrevistado tenha o máximo de aproveitamento. Após as gravações, utilizaremos um software para transcrever os áudios gravados e depois fazemos a análise linguística dos dados. As entrevistas ocorrerão com ribeirinhos que moram na comunidade Caiari. A referida comunidade está localizada à margem esquerda do rio Madeira, com distância de aproximadamente 135 km da área urbana do município de Humaitá – Amazonas. Via barco, a partir do terminal hidroviário de Humaitá, a distância se estende por aproximadamente 9 horas descendo o rio Madeira. No que diz respeito à estratificação e dimensão da amostra que será colhida, elegeremos 24 participantes de cada comunidade considerando os seguintes aspectos: faixa etária (18 a 30 anos e 40 a 80 anos), gênero (masculino e feminino) e escolaridade (não escolarizado(a), Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Informo que, da pesquisa a se realizar, você pode esperar alguns benefícios, tais como: a organização de um banco de dados com informantes nativos da comunidade ribeirinha Caiari, tendo por base a orientação teórico metodológica da Sociolinguística de base laboviana, com vistas a possibilitar pesquisas futuras em comunidades ribeirinhas no âmbito da Teoria da Variação e da Mudança. Além disso, o nosso trabalho possibilitará um estudo mais detalhado sobre a história das terras Caiarienses, tendo uma grande relevância para o resgate da cultura e tradição dos ribeirinhos Caiarienses.

Podemos considerar como possíveis riscos: invasão de privacidade no momento em que o entrevistado estiver respondendo as perguntas referentes aos temas que serão abordados para a coleta de dados e eventuais comunicações mal sucedidas, principalmente porque os procedimentos metodológicos envolvem a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes. Devido a isso, desentendimentos podem surgir, causando constrangimentos ou outros prejuízos indesejáveis. Uma solução para este tipo de risco é adotarmos todos os cuidados necessários para a boa compreensão por ambas as partes e, quando houver desentendimentos, promover ações para sua correção. Devido ainda às diferenças culturais, outro risco surge da interpretação que será dada às informações obtidas durante a pesquisa. Serão tomados todos os cuidados para não se veicular informações inverídicas ou que possam prejudicar a imagem dos participantes ou das comunidades ribeirinhas como um todo. No que diz respeito às restrições sanitárias impostas pela pandemia do novo coronavírus, as entrevistas podem ser realizadas de forma presencial, se, e somente se, todas as medidas de segurança puderem ser implementadas, incluindo-se distanciamento físico, proteção individual entre outras estratégias recomendadas pelos órgãos de saúde. Ademais, as entrevistas podem ser realizadas de forma virtual, assegurando todos os direitos de cada



participante. Tais medidas visam, entre outras coisas, garantir o bem estar dos(as) envolvidos(as).

Ressalto que esta pesquisa segue, além do mais, o que preconiza a resolução 510/2016/CNS, uma vez que será dada toda a atenção aos eventuais riscos que a pesquisa possa acarretar tendo em vista seus procedimentos. Para isso, serão adotadas medidas de precaução e proteção, a fim de evitar dano ou atenuar seus efeitos. Caso surja a possibilidade de qualquer dano, os participantes serão imediatamente comunicados para que possam ser adotadas as providências necessárias, que pode incluir inclusive o encerramento desta pesquisa. Além disso, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo, será mantido em sigilo (condição de anonimato).

Também informo que você pode se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem precisar justificar e por desejar sair da pesquisa. Esclareço, igualmente, que você pode optar por métodos alternativos. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, seja tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação. Por fim, tendo sido orientado quanto ao teor da presente pesquisa e compreendido o objetivo e a natureza do já referido estudo, encerro afirmando que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

## **2. Consentimento da participação na Pesquisa:**

Eu, \_\_\_\_\_,  
inscrito(a) sob o RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_,  
abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado UM ESTUDO SOBRE OS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS CAIARIENSES: O CASO USO DOS PRONOMES TU/VOCÊ EM SUA FALA. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador responsável JOSIMAR MACIEL CORDEIRO sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação bem como minha imagem no projeto de pesquisa acima descrito.

Humaitá-AM, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura por extenso do(a) participante

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável



Impressão do dedo polegar  
Caso o participante não saiba assinar.

**Testemunhas:**

---

---